



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Educação Física e Desportos

Anlessa Cristine Almeida de Jesus

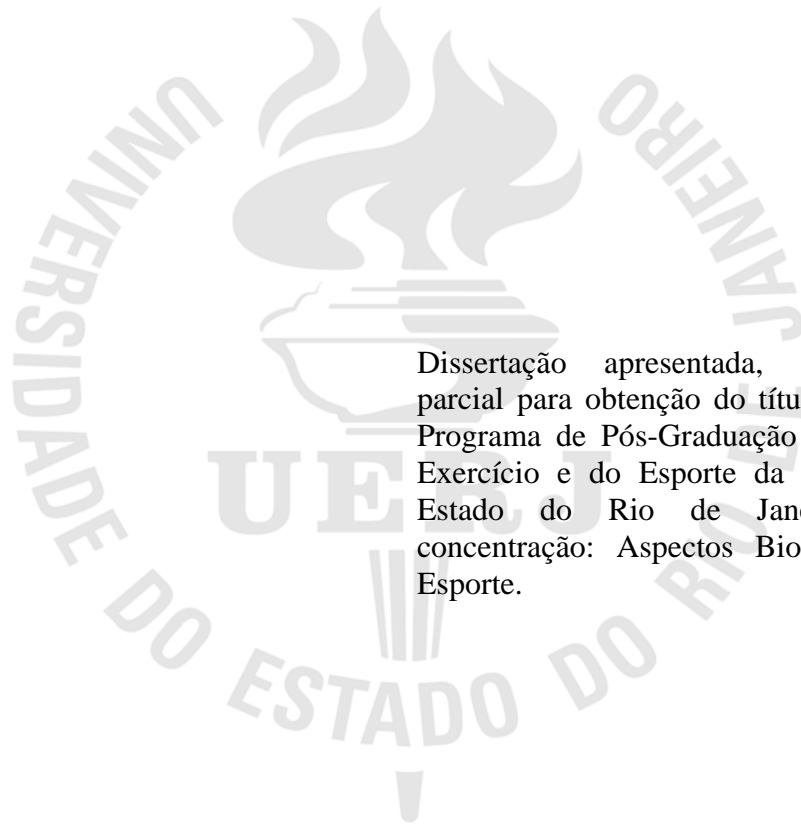
Trajatória e estado da arte do basquete de rua no Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2015

Anlessa Cristine Almeida de Jesus

Trajatória e estado da arte do basquete de rua no Rio de Janeiro



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Exercício e do Esporte da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Aspectos Biopsicossociais do Esporte.

Orientador: Prof. Dr. Sebastião Josué Votre

Rio de Janeiro

2015

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/B

J58 Jesus, Anlessa Cristine Almeida de.
Trajetória e estado da arte do basquete de rua no Rio de Janeiro /
Anlessa Cristine Almeida de Jesus. – 2012.
76 f. : il.

Orientador: Sebastião Josué Votre.
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro,
Instituto de Educação Física e Desportos.

1. Basquetebol – Aspectos sociais – Rio de Janeiro (RJ) – Teses. 2.
Periferias – Rio de Janeiro (RJ) – Teses. 3. Participação social - Rio de
Janeiro (RJ) – Teses. I. Votre, Sebastião Josué. II. Universidade do Estado do
Rio de Janeiro. Instituto de Educação Física e Desportos. III. Título.

CDU 796.323(815.3)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta
dissertação desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Anlessa Cristine Almeida de Jesus

Trajatória e estado da arte do basquete de rua no Rio de Janeiro

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Exercício e do Esporte da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Aspectos Biopsicossociais do Esporte.

Aprovada em 10 de agosto de 2015.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Sebastião Josué Votre (Orientador)
Instituto de Educação Física e Desportos - UERJ

Prof. Dr. Carlos Alberto Figueiredo da Silva
Centro Universitário Augusto Motta

Prof^a. Dra. Ludmila Mourão
Faculdade de Educação Física e Desporto de Juiz de Fora/MG

Rio de Janeiro

2015

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho em primeiro lugar a Deus, aos meus orixás, às minhas entidades e aos meus amigos de luz, por darem força a mim e a minha mãe para me ajudar nesta minha caminhada.

A minha mãe e minha irmã que sempre me deram amor, carinho e força para ter determinação e seguir em frente na minha jornada.

AGRADECIMENTOS

A minha mãe Selma Almeida de Jesus e a minha irmã Yven Cristine Almeida de Jesus, por sempre estarem ao meu lado, sendo compreensivas e amigas nos momentos bons e ruins desta caminhada.

Ao Prof. Dr. Sebastião Josué Votre, pela orientação eficiente. Sua contribuição me ajudou a crescer como pesquisadora, sendo pra mim uma experiência de vida.

À Prof^a Ludmila Mourão, por me dar forças e acompanhar a minha caminhada.

Às Professoras Gabriela Neiva e Renata Vasconcellos, por me incentivarem a ingressar no mestrado.

Ao Prof. Milton Coelho, por contribuir com seu conhecimento.

Em especial, às minhas amigas Alessandra Cristina Raimundo e Renata Monteiro, pelo companheirismo e solidariedade. Pelos momentos de divã que compartilhamos durante esses dois anos, pela amizade construída até aqui e principalmente pelo carinho e respeito que aprendemos a ter umas pelas outras. Parte desta dissertação também é de vocês.

Aos meus amigos que, por várias vezes, ouviram minha recusa em sair, sendo sempre o motivo a, minha dissertação. Mas sempre estiveram do meu lado me dando forças e aprovando as minhas decisões.

Ao CNPq, por ter investido na minha qualificação profissional.

A minha amiga Suellen Cardoso de Oliveira, por estar sempre ao meu lado, ouvindo minhas lamentações e meus momentos de reflexão sobre o basquete de rua, pela sua amizade e companheirismo.

Aos funcionários Denise e Antonio, do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação Física da Universidade Gama Filho, por me ajudarem por diversas vezes, por ouvirem meus desabafos e contribuírem com o meu crescimento como ser humano.

RESUMO

JESUS, Anlessa Cristine Almeida de. *Trajatória e estado da arte do basquete de rua no Rio de Janeiro*. 2015. 76 f. Dissertação (Mestrado em Aspectos Biopsicossociais do Exercício Físico) – Instituto de Educação Física e Desporto, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

A dissertação tem como objetivos identificar a origem e descrever o cenário do basquete de rua na Cidade do Rio de Janeiro, e analisar os significados deste jogo para seus praticantes. O estudo tem como espaço esportivo a quadra da Central Única das Favelas, no Viaduto de Madureira onde cada semana se encontram jogadores de basquete de rua das periferias da Cidade do Rio de Janeiro. A dissertação contém dois artigos, sendo o primeiro uma apresentação do basquete de rua, com as características e o cenário que o envolvem. Identificamos os locais em que acontecem os jogos pela cidade, o perfil dos praticantes e seus projetos em busca de maior visibilidade. No segundo, descrevemos os significados do basquete de rua para os oito jogadores que entrevistamos. Investigamos as características desse basquete e a sua relação com o basquete tradicional. Analisamos e interpretamos excertos de letras de músicas que envolvem o basquete de rua, assim como passagens do manual de regras elaboradas pela Central Única das Favelas. Concluímos que o basquete de rua praticado no Rio de Janeiro replica os valores presentes nas regras internacionais e, como esporte participação, é praticado por negros e negras das periferias, com espírito lúdico e criativo.

Palavras-chave: Periferia. Esporte-participação. Etnografia.

ABSTRACT

JESUS, Anlessa Cristine Almeida de. *Street Basketball art's conditions and trajetories in Rio de Janeiro*. 2015. 76 f. Dissertação (Mestrado em Aspectos Biopsicossociais do Exercício Físico) – Instituto de Educação Física e Desporto, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

The object of the present dissertation is to identify the origin and describe the scenario of streetball on the street of Rio de Janeiro, as well as analyze its meaning for the players. The study was conducted at the *Central Única das Favelas*, under the *Viaduto de Madureira* where players meet weekly from the outskirts of Rio de Janeiro. The dissertation contains two articles: the first is a presentation of streetball, with the characteristics and scenario it involves, the locations of the games around the city, the profile of the players and their projects to expand activities; the second describes the meaning of streetball for the eight players interviewed. We investigate the characteristics of the game and its relationship with the traditional basketball. We analyzed and interpret excerpts and lyrics of songs that involve in streetball, as well as excerpts from the rulebook written by the *Central Única das Favelas*. We have concluded that the rules for streetball as practiced in Rio de Janeiro are a replicate of international rules and, as a team sport, is practiced by black people in the outskirts of the city both playfully and creatively.

Keywords: Outskirts. Team sport. Ethnography.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	8
1	ESTUDO 1 - BASQUETE DE RUA NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO (ARTIGO CIENTÍFICO)	10
2	ESTUDO 2 - BASQUETE DE RUA: UM ESTILO DE JOGO NAS PERIFERIAS DO RIO DE JANEIRO (ARTIGO CIÉNTIFICO)	24
	CONCLUSÃO	38
	REFERÊNCIAS	39
	APÊNDICE A - Roteiro de Entrevista	41
	APÊNDICE B - Diário de Campo	42
	APÊNDICE C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	43
	ANEXO A - Entrevista com Asfilófilo Oliveira Filho, representante da Liga Urbana de Basquete	45
	ANEXO B – Entrevistas	47
	ANEXO C - Manual dos Basqueteiros 2008/2009	50
	ANEXO D - Hino da LIBBRA	66
	ANEXO E - AND1 MASTER	69
	ANEXO F - Registro do Diário de Campo	71
	ANEXO G - Falas Coletadas Durante a Etnografia	76

INTRODUÇÃO

O basquetebol surgiu em 1891, nos Estados Unidos da América. Criado por James Naismith, o esporte se popularizou rapidamente no país e foi incluído nos jogos olímpicos em 1936 (FREITAS E VIEIRA, 2006). No Brasil, chegou em 1896, trazido por Augusto Shaw.

Durante a sua existência aqui no Brasil, o basquete brasileiro escreveu seu nome na história. Além de 5 medalhas olímpicas, femininas e masculinas, o basquete brasileiro rendeu 8 medalhas em campeonatos mundiais e 21 medalhas de campeonatos Pan – Americanos. Nossos maiores ídolos Amaury Antonio Passos, “Magic” Paula, Hortência, Carmo de Souza “Rosa Branca” e Oscar Schmidt único Ídolo recente do basquetebol masculino detentor da marca de maior pontuador brasileiro de todos os tempos no Brasil. O basquete brasileiro atual não tem esse tipo de prestígio.

O basquete de rua é jogado também em praças e ruas dos bairros na cidade. Porém esse basquete diferenciado pelo espaço onde é praticado é chamado basquete de rua ou *streetball*. Caracterizado pela liberdade dos movimentos o basquete de rua é amplamente praticado nas quadras das praças nos bairros de periferia do Rio de Janeiro.

Após nove anos dedicados ao basquete, seis deles de envolvimento com o basquete de rua no Rio de Janeiro, sendo árbitra de diversos campeonatos, eu me propus a investigar o esporte praticado na cidade. Em vista do envolvimento com o basquete de rua, optei por aprofundar as questões que envolviam esta prática, bem como o perfil dos praticantes, os precursores do movimento, as características da modalidade, os locais e como ela é praticada aqui na cidade do Rio de Janeiro. Quando comecei o estudo, o basquete de rua estava no auge, em 2009, mas hoje, caiu. Cedeu para o espaço para o futebol das favelas.

A dissertação se organiza em dois artigos, sendo o primeiro uma apresentação da modalidade, as características e o cenário que envolve o basquete de rua no Rio de Janeiro. Para que o objetivo fosse alcançado foram utilizadas as técnicas da etnografia, segundo Stigger (2007) e Magnani (2002). Junto à experiência vivida na modalidade e o método etnográfico foi possível identificar e descrever o cenário da modalidade no Rio de Janeiro, apresentando em que condições o jogo surgiu, como se desenvolveu e o seu status nos dias atuais. Identificamos também o perfil dos praticantes, os locais em que acontecem os jogos pela cidade e os percalços em busca de uma maior visibilidade.

No segundo artigo, procuramos captar os significados do basquete de rua para os jogadores. Entrevistamos oito praticantes de basquete de rua na cidade, investigamos as

características do basquete de rua e sobre a sua relação com o basquete tradicional (basquete de quadra).

Por fim analisamos e interpretamos algumas letras de músicas que envolvem o basquete de rua, assim como algumas passagens do manual da Central Única das Favelas, onde a entidade apresenta as regras utilizadas em seus campeonatos. O objetivo da análise destes documentos, foi identificar a percepção do basquete de rua praticado na cidade.

Concluimos a dissertação com a certeza de um trabalho técnico e objetivo realizado, apresentando com originalidade os bastidores da modalidade praticada no Rio de Janeiro.

1 ESTUDO 1 - BASQUETE DE RUA NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO (ARTIGO CIÉNTIFICO)

BASQUETE DE RUA NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Anlessa Cristine Almeida de Jesus

Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Sebastião Josué Votre

Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

BASQUETE DE RUA NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Resumo

O estudo tem por objetivo identificar a origem e descrever o cenário do basquete de rua no Rio de Janeiro. A pesquisa é de leve orientação etnográfica. Com base nos registros do diário de campo, das falas dos jogadores e de um informante de elite, constatamos que o basquete de rua é praticado em sua maioria nas periferias da cidade. Concentramo-nos no espaço esportivo coordenado pela Central Única das Favelas, no Viaduto de Madureira, onde cada semana se encontram jogadores de diversos bairros e onde as regras sintetizam e reinterpretam as normas de outros espaços em que se pratica essa modalidade de basquete. A modalidade vem perdendo espaço para os projetos de futebol.

Palavras-chave: etnografia, jogo, participação.

STREETBALL IN THE CITY OF RIO DE JANEIRO

Abstract

The purpose of the study is to identify the source and describe the scenario of streetball in Rio de Janeiro. The research is slightly ethnographic, and uses notes from field, fragments of discourses of the players. We found that streetball is played on the streets and squares of several neighborhoods of the city. We focused on the space of the Central Única das Favelas, in Madureira Viaduct, where players from different neighborhoods are gathered and the rules summarize and reinterpret the standards of other spaces where such type of basketball is played. Streetball is losing space to football projects.

Keywords: ethnography, game, participation.

BALONCESTO EN LA CIUDAD DE RIO DE JANEIRO

Resumen

El objetivo del estudio fue identificar el origen y describir el escenario del baloncesto callejero en Rio de Janeiro. La investigación fue en parte basada en la etnografía. Basados en registros de apuntes diarios y de hablas de los deportistas y de un informante de elite, nos dimos cuenta que se practica baloncesto en las calles y plazas de variados barrios de nuestra ciudad. Pusimos atención en el espacio Central Única das Favelas, en el viaducto de Madureira, donde cada semana se encuentran deportistas de distintos barrios y donde las reglas reinterpretan las normas de otros espacios en que se practica esa modalidad de baloncesto, que pierde espacio para proyectos de fútbol.

Palabras-clave: etnografía, juego, participación.

Introdução

O basquete surgiu em 1891, em *Massachusetts* nos Estados Unidos da América (FREITAS e VIEIRA, 2006). Em 1936, foi incluído nos Jogos Olímpicos de Verão, quando obteve grande aceitação, passando a ser um dos esportes mais assistidos durante os Jogos. Nos Estados Unidos, o esporte se popularizou rapidamente, ganhando adeptos em todos os estados e atualmente conta com duas ligas profissionais, a National Basketball Association Development League (NBDL) e a National Basketball Association (NBA), além das universitárias. Na atualidade, ao lado do basquete profissional, o *streetball* se mundializou e é praticado nas ruas e praças, com algumas características distintas do basquete convencional; no Brasil consagrou-se como basquete de rua.

Parte das jogadas de efeito no basquete de rua provém dos *Harlem Globetrotters*. O primeiro time foi formado em 1927, por Abe Saperstein, proprietário do salão de dança Savoy Ballroom, no Harlem. Ele criou o time de basquete para, após as apresentações de música, continuar ganhando dinheiro e distraíndo o público. Após alguns anos, os atletas saíram em turnê pelos Estados Unidos, fazendo apresentações de basquete. Até hoje, seus sucessores percorrem o mundo com apresentações de basquete-espetáculo¹. Continuam explorando e

¹ Disponível em: <<http://www.harlemglobetrotters.com/history/timeline/>> acesso em 20/04/2011.

aperfeiçoando suas habilidades, dando ênfase às jogadas de efeito, estilizadas, para atrair a atenção do público.

Os jogadores que demonstram suas habilidades por meio de jogadas e manobras de efeito são chamados de *ballers*, pois são artistas habilidosos pelo que fazem com a bola nas mãos. As habilidades são marcadas pelas *manobras*, que empolgam as torcidas e estimulam o marcador adversário a retribuir na próxima jogada, acirrando a disputa pela habilidade. Segundo Silva e Correia (2008) os jogadores de *playgrounds* incorporaram a linguagem corporal dos *Harlem Globetrotters* e criaram uma série de movimentos típicos do jogo, inimagináveis antes deles.

Este estudo tem por objetivo descrever a origem e o cenário do basquete de rua no Rio de Janeiro, tomando como local de concentração dos jogadores e cenário da etnografia o Centro Esportivo e Cultural da CUFA, embaixo do Viaduto Negrão de Lima, em Madureira. Rua Alfeu Faria Castro, S/N. Zona norte da Cidade.

O levantamento da literatura sobre basquete de rua evidenciou uma lacuna na produção de ensaios e artigos originais na área. Pinheiro (2009) descreve e analisa as atividades artísticas e esportivas associadas aos eventos do Prêmio Hutúz de *hip hop* e a Liga Brasileira de Basquete de Rua.

Silva e Correia (2008) analisaram o basquete de rua a partir de duas questões norteadoras: analisar as racionalidades dos grupos envolvidos com essa prática, que se insere no movimento cultural do *hip hop*, e discutir as tendências das estruturas de comunicação e informação, ao abordar a dimensão do espetáculo que se revela nessas novas linguagens esportivas. Estudos pontuais têm identificado o basquete de rua com aspectos das culturas locais, como o de Duarte (2010), que buscou identificar as características do basquete de rua como manifestação da cultura corporal negra em Salvador. A trajetória histórica do basquete de rua nos EUA e no Brasil foi apresentada por Oliveira Filho (2006), que ressaltou as especificidades das normas de cada país.

A referência técnica para este estudo é o “Manual dos basqueteiros”, que foi escrito e divulgado pela Central Única das Favelas (CUFA) em 2008. O manual apresenta uma tradução das regras de *streetball*, adaptadas ao campeonato brasileiro da entidade. Refere também outros elementos da cultura negra, como *hip hop* e dança, com foco nas normas para conduta nas disputas de basquete de rua.

Na temática de esportes para a juventude, podemos citar Spindola (2008), e Osborne, Silva e Votre (2011). Na temática da etnografia do esporte na cidade, consultamos Stigger (2007); para a etnografia urbana, acolhemos as contribuições de Magnani (2002).

O basquete de rua

Segundo Oliveira Filho (2006), o *streetball* emergiu nas praças e ruas dos bairros da periferia das grandes cidades americanas, sempre jogado ao som do *hip hop*. É associado ao movimento hip hop também nascido nas ruas dos bairros pobres nos Estados Unidos, na década de 1970, em decorrência da exclusão social da população americana de baixa renda.

O basquete de rua tem como característica os movimentos, que se tornam mais importantes do que a marcação da própria cesta. São mais valorizados o estilo, a habilidade e a criatividade do jogador do que a altura para o jogo e a marcação da cesta, pois as jogadas de efeito são o ponto alto do esporte, com o uso de recursos para “desconsertar” o adversário.

A modalidade dá ao jogador a liberdade de criar e improvisar jogadas podendo ser jogado com diferentes formações como: 1 x 1, 3 x 3 e *Freestyle* (jogadores que disputam competições de malabarismos com a bola). Diferentemente do basquete tradicional, é jogado apenas em meia quadra, tendo apenas uma tabela (OLIVEIRA FILHO, 2006).

De acordo com o que observamos, utilizam-se as regras básicas do basquete convencional, com o adendo do espetáculo: desenvolver jogadas que provoquem a reação dos oponentes e da torcida. A tabela e o aro utilizam o tamanho normal exigido no basquetebol de quadra pela Federação Internacional de Basquetebol, mas a altura da cesta é de 3,7 cm e não de 3,05m. A quadra não possui um tamanho específico. A CUFA recomenda que seja de 12 por 22m. Mas a sua própria quadra, em Madureira, mede 16m por 22m.

O *hip hop* e o basquete de rua

O basquete de rua está associado com o movimento *hip hop*, e é praticado ao som do *rap* (rhythm and poetry). O jogo e o som andam juntos, sendo as jogadas embaladas pelo ritmo que anima a torcida e os jogadores durante as partidas dos eventos esportivos. Junto ao ritmo, há o responsável pela sua propagação, o *Disk Jockey*, que dita o andamento da partida com suas músicas mixadas; quando toca uma música animada, os torcedores se entusiasmam e os jogadores se empolgam, procurando desenvolver mais jogadas de efeito para receber o clamor da torcida, que os incentiva a criar jogadas espetaculares.

Outro elemento vinculado ao movimento *hip hop* é o *master of ceremony*, que precisa estar em sintonia com a quadra, mantendo a atenção nos lances do jogo e estimulando a torcida. Nos campeonatos de basquete de rua, muitas vezes é o MC que incita o jogador a realizar jogadas de efeito ou a utilizar a marcação individual, promovendo a demonstração das habilidades individuais.

O *hip hop* nasceu no final da década de 1970, para que afro-americanos e caribenhos pudessem reelaborar suas práticas culturais e produzir, através da arte, uma interpretação das novas condições socioeconômicas postas pela vida urbana (GUARESCHI, MORAES e PRATES, 2007). Como elementos do movimento *hip hop*, nasceram o *rap*, o grafite, o *break*, o MC e o DJ. Juntos, esses estilos tornaram-se os pilares da cultura *hip hop*, fazendo da rua o espaço privilegiado da expressão cultural dos jovens negros e pobres (DAYRELL, 2002). O movimento expressa sentimentos de protesto por parte dos cantores contra os governos e seus sistemas. Consagrou-se como uma das manifestações culturais que apresentam os problemas sociais em forma de música e dança

No Brasil, o movimento chegou na década de 1980 nas periferias das cidades e denunciou aos ouvintes as mazelas e condições vividas pelos jovens de comunidades menos favorecidas (OLIVEIRA FILHO, 2006).

Método

O estudo é de caráter levemente etnográfico. Segundo Stigger (2007), o trabalho etnográfico é o resultado da interpretação de padrões culturais de um contexto específico desenvolvido pelo investigador a partir das representações que determinados indivíduos e grupos sociais fazem das suas práticas. Incorporamos as técnicas da observação participante², com registros em diário de campo, para levantar pistas que confirmassem ou corrigissem o que foi observado no campo. Procuramos utilizar a perspectiva de Magnani (2002), identificando, descrevendo e interpretando as praticas que ocorrem na modalidade no Rio de Janeiro.

Fizemos uma entrevista em profundidade, com um informante de elite, considerado como referência pelos basqueteiros, pois foi o responsável pela introdução do basquete de rua no Rio de Janeiro.

² A autora principal nasceu no Lins de Vasconcelos e foi criada na favela do Urubu localizada no bairro da Abolição, zona norte do município do Rio de Janeiro. Iniciou suas atividades esportivas a partir da quinta série do ensino fundamental, como atleta de futebol e de handebol. Em 2002 iniciou sua carreira no basquetebol, se tornando arbitra da Federação Estadual de Basquetebol do Rio de Janeiro. Em 2004 iniciou sua caminhada no basquete de rua, como árbitra, participando dos principais campeonatos organizados pela Central Única das Favelas em âmbito municipal, estadual e nacional. Participou também como árbitra do amistoso internacional organizado pela entidade, em que pelo Brasil jogaram os Reis das Ruas, que constituem a seleção dos melhores jogadores de basquete de rua.

O projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Gama Filho³; após a sua aprovação, foi iniciada a coleta de dados, mediante assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pelos participantes das peladas na quadra oficial da Central Única das Favelas.

Para os efeitos do estudo, foram realizadas 15 visitas no Centro Esportivo e Cultural da CUFA, embaixo do Viaduto Negrão de Lima, em Madureira, zona norte da cidade e ponto de convergência dos jogadores de basquete de rua.

Basquete de rua no Rio de Janeiro

Duas organizações sociais são responsáveis pelo início da visibilidade do basquete de rua no Rio de Janeiro. A primeira é a Liga Urbana de Basquete (LUB), presidida por Asfilófilo de Oliveira Filho, que herdou materiais voltados para a prática de basquete, após um encontro promovido pela National Basketball Association (NBA), em 2004, quando seus jogadores vieram realizar ações sociais na América Latina. De posse desse material, ele criou um projeto voltado para o basquete de rua. Promoveu uma chamada a que responderam e se inscreveram 200 jogadores de basquete da cidade; selecionou 15 deles e iniciou um projeto social, voltado para a modalidade, formando a Liga Urbana de Basquete.

Com o time, Asfilófilo percorreu o Rio de Janeiro fazendo apresentações de basquete, na linha dos *Globetrotters*, mas sem desafiar os outros times de basquete, o seu grupo de jogadores se apresentou em hospitais, escolas e comunidades carentes, mostrando o basquete de rua e exibindo as suas habilidades. De acordo com Asfilófilo, que é nosso informante de elite, a LUB passou a contar com o técnico Alberto Bial, que atuava no basquete tradicional.

A segunda ONG é a Central Única das Favelas (CUFA), que foi fundada por Nega Gizza, MV Bill e Celso Athayde em 1999. No ano de 2002, a CUFA realizou o seu primeiro campeonato de basquete de rua. O campeonato era realizado durante o evento conhecido como Hutúz Rap Festival; os jogos aconteciam durante o festival de *hip hop* e era denominado Hutúz Basquete de Rua. O festival, apesar de ser um sucesso, “se tornou pequeno” para os organizadores.

Em 2005, a CUFA organizou seu primeiro campeonato brasileiro de basquete de rua, a Liga Brasileira de Basquete de rua (LIBBRA). Após o primeiro campeonato da CUFA e o projeto social promovido pela LUB, a modalidade ganhou visibilidade, suporte do governo do estado e uma estrutura institucionalizada no Rio de Janeiro.

³ CEP, CAAE.0001.0312.000-11.

Em 2010 presenciamos a presença maciça de praticantes no país e no Rio de Janeiro, no campeonato nacional realizado pela CUFA, com 576 jogadores inscritos, divididos em 96 times, que vieram de todas as partes do Brasil, para disputar as etapas do campeonato nacional no Rio de Janeiro. Entre os estados participantes estavam Tocantins, Rio de Janeiro, São Paulo, Mato Grosso, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Pernambuco, Bahia, Espírito Santo, Paraná, Pará, Paraíba e DF. Para participar das etapas finais do campeonato nacional organizado pela organização, todos esses times tiveram que participar de seletivas estaduais promovidas em seus estados. Na seletiva estadual do Rio de Janeiro, houve em média 200 jogadores envolvidos. Os jogos duraram quatro semanas, sempre aos sábados, com cerca de 16 times por dia, participando do campeonato.

O campeonato nacional também contempla o público feminino e juvenil, porém em menor número de equipes participantes em relação às equipes masculinas. Estas modalidades não participam de seletivas em seus estados, sendo as equipes criadas pelos jogadores e inscritas no torneio.

O primeiro jogo internacional de basquete de rua ocorreu em Barueri/SP em 2008. Tendo a equipe do Chile como adversário, o evento, denominado Reis da Rua, teve a vitória do combinado brasileiro. Os melhores jogadores do campeonato nacional de 2008 foram selecionados para fazer parte da equipe brasileira.

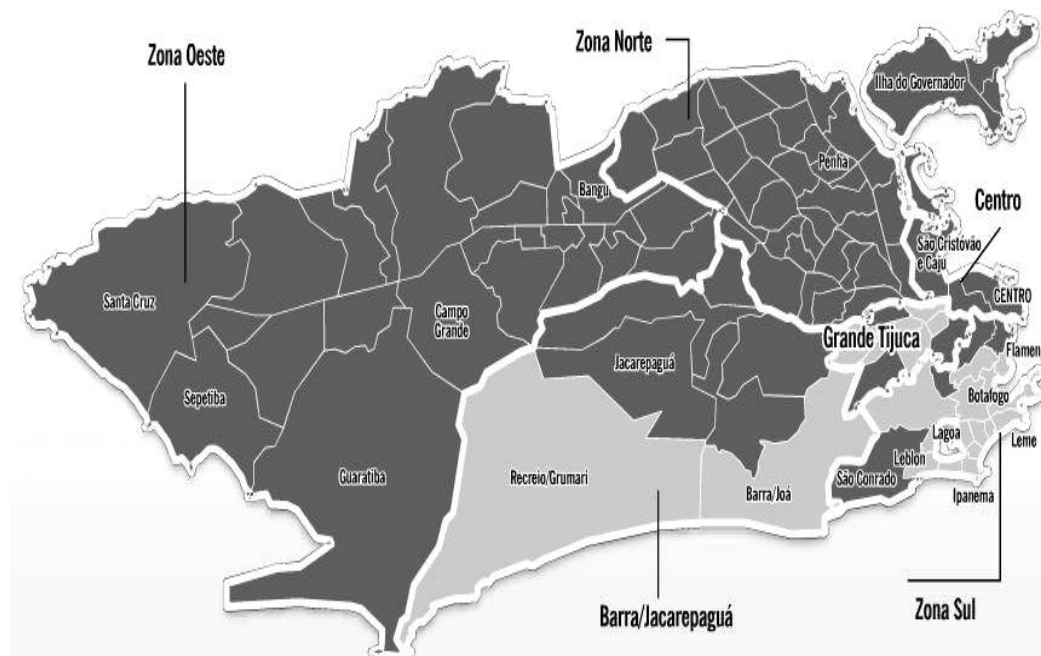
Em 2009 a Central Única das Favelas, criou a Liga Internacional de Basquete de rua⁴ abrangendo assim um circuito mundial da modalidade denominado Reis da Rua. A organização social promoveu também um circuito europeu de basquete de rua, com países que viriam ao Brasil participar do campeonato mundial que seria sediado pelo estado do Rio de Janeiro. O evento ainda está em processo de organização.

Em 2011, a CUFA está presente em todos os 27 estados brasileiros e em 20 países do mundo e é reconhecida por trabalhar com políticas sociais, culturais e esportivas. Todos os 27 estados brasileiros possuem eventos de basquete de rua durante o ano, organizados pela entidade.

No Rio de Janeiro, o basquete de rua é praticado nas comunidades das periferias, com times formados por negros, com idade entre 19 e 34 anos. Durante a pesquisa, identificamos quatorze comunidades onde é jogada a modalidade: Cavalcanti, Curicica, Cidade de Deus, Jardim América, Cezarão, Rocinha, Cruzada São Sebastião, Guadalupe, Vila Valqueire,

⁴ Após a idealização da Liga Internacional de Basquete de Rua, a entidade abandonou o termo original LIBBRA e adotou o novo termo para seus campeonatos, organizados em níveis municipais, estaduais e nacionais.

Anchieta, Padre Miguel, Taquara, Bangu e Madureira. Dessas comunidades, seis estão localizadas na zona norte da cidade. Seis se localizam na zona oeste e duas na zona sul da cidade, assim como nos EUA, a modalidade aqui no Rio de Janeiro também se concentra nas periferias.



Fonte: http://butecodoedu.blogspot.com/2010_11_01_archive.html

No Aterro do Flamengo, há campeonatos realizados por empresas de roupa, com a finalidade de promover produtos voltados para a prática do basquete. Alguns eventos são organizados pelos próprios jogadores, a exemplo do 1º de maio, campeonato realizado na Baixada Fluminense há mais de dez anos.

Quem são, de onde são e o que pensam os que jogam basquete nas ruas no Rio de Janeiro

Durante as visitas, o acolhimento foi muito bom, pois a primeira autora é árbitra de basquete de rua e coopera nas competições em que se requer a presença de árbitro. Conversamos com os jogadores sobre o esporte praticado na cidade, os locais onde é praticado e as particularidades de alguns locais, a idade média dos jogadores é de 25 anos e o tempo de prática varia entre 3 e 19 anos. Interagimos mais de perto com oito praticantes que são mais assíduos, e pratica a modalidade de duas a quatro vezes por semana, chegando a ficar no mínimo quatro e no máximo seis horas jogando basquete, dependendo do local onde forem jogar.

Saem de diversas comunidades da cidade para se encontrar em Madureira, cujo espaço é aberto às terças e quintas feiras sempre das 20h às 24h. A quadra é bem cimentada, plana, limpa e bem iluminada, organizada com os equipamentos específicos para prática do basquete, em perfeito estado; é cercada por mureta de concreto para a bola não ultrapassar os limites e atrapalhar as oficinas que ocorrem ao lado, nas linhas de fundo, possui redes, que vão do teto do viaduto até o chão; tem demarcação bem sinalizada; constitui um excelente espaço público voltado para as práticas esportivas. No espaço ocorrem também oficinas de futebol, basquete, DJ, skate e grafite. O complexo sob o viaduto possui uma média de 800 m².

O bairro de Madureira se tornou símbolo do basquete de rua, após a CUFA iniciar a realização do seu campeonato nacional e estadual nesta quadra. Madureira também é conhecida por promover o maior evento de *Black Music* da cidade, o “baile do viaduto”, que acontece todo sábado à noite, embaixo de outra parte do viaduto Negrão de Lima, e reúne fãs da música negra do Rio de Janeiro. Os adeptos do Rhythm and Blues (R&B), *hip hop* e *rap*, se encontram para curtir o baile que já existe há 20 anos. Os jogadores de basquete de rua no Rio de Janeiro, que costumam jogar ao som do *hip hop*, também se encontram, nos fins de semana, para frequentar o baile do viaduto; além disso, eles organizam festas e churrascos entre eles.

Enquanto aguardam sua hora de jogar, os jogadores se aglomeram nas laterais, da quadra, conversando sobre diversos assuntos ligados ao basquete na cidade e o basquete internacional, principalmente a NBA. Alguns desses jogadores foram atletas de basquete de quadra e chegaram a ser inscritos em federações, mas não se tornaram jogadores profissionais, outros nunca chegaram a jogar em clubes.

Fomos também a dois locais onde ocorrem as peladas. Percorrendo esses locais constatamos que os jogadores de cada comunidade formam os times que os representam nos campeonatos locais e nacionais. As comunidades possuem suas próprias regras, que devem ser seguidas quando um grupo de fora vai jogar em sua quadra. Eles usam o basquete tradicional como modelo, mas o adaptam em seus jogos. As regras existentes na quadra de Madureira foram criadas pelos próprios jogadores, que limitaram o número de jogadores para quatro em cada time, por conta da medida da quadra.

A formação dos times se dá pelo chute de lance livre, aqueles que acertam formam os primeiros times e os que chegam depois vão se organizando para entrarem no lugar do time perdedor da primeira partida. Durante os jogos, alguns jogadores assumem a posição de líderes do time. Esses líderes, em alguns momentos, ditam o andamento da partida, impedindo

que alguém atrapalhe o jogo. As faltas são pedidas pelos jogadores que as sofrem e, dependendo da seriedade desses jogadores e da intensidade das mesmas, podem gerar discussões acaloradas.

Em algumas comunidades há o sistema de rodízio, para evitar que alguns times fiquem mais fortes que os outros. Os jogadores que chegam depois das partidas iniciadas colocam o nome em um caderno e vão entrando no jogo de acordo com a ordem de chegada, controlada pelo nome no caderno.

Análise e discussão dos resultados

A seguir, vamos discutir os resultados referentes a dois tipos de dados: os coletados na observação participante e os resultantes da interação verbal com os jogadores.

Com base nas notas do diário de campo, vemos que o basquete de rua está numa encruzilhada, de caráter circunstancial. Ao se aproximar a Copa de 2014, a CUFA investe na Taça das Favelas, em parceria com a UNESCO, com os ministérios da Saúde e do Esporte e com apoio de várias instituições públicas e de comunicação, com 80 seleções, 16 dos quais formados por moças. O projeto tem por objetivo, atingir 24 mil jovens das favelas do Rio de Janeiro, e valorizar o papel do jovem na cidade e as comunidades participantes do projeto. O suporte vem para o futebol e o basquete de rua fica em segundo plano.

As vilas olímpicas instaladas nas favelas, como a do Complexo do Alemão e a da Mangueira, voltaram-se para acolher futebolistas. As quadras, polivalentes, convertem-se em espaços prioritários para o futebol.

Com base nas falas dos jogadores, temos em parte a mesma interpretação para a estagnação e diminuição do prestígio do basquete de rua. Constatamos, de acordo com o discurso dos praticantes, que a cultura do basquete de rua vem sucumbindo à universalização, abandonando as características da modalidade, voltando para o padrão, neste caso o basquete tradicional.

Das reflexões dos jogadores sobre a convivência entre um basquete supostamente mais livre e o basquete oficial, cresce o consenso de que as regras, naturais, são as do basquete convencional. Pois como em cada discussão a referência é a regra oficial, concluímos que o basquete de rua é, na verdade, um basquete convencional, jogado na rua, a ideia de basquete livre, para eles, se traduz em um basquete onde a regra existe, mas há a alternativa de ajustá-la a cada jogada. Portanto a percepção de basquete de rua para estes praticantes é o basquete que eles jogam, onde raramente aparece uma jogada característica do basquete de rua, como a

caneta, o apagão ou crossover, e predominam as jogadas oriundas do basquete tradicional, que visam à cesta.

Ouvimos alguns relatos sobre a dificuldade em praticar a modalidade no Rio de Janeiro com relação à manutenção do investimento em quadras públicas na cidade. Um jogador afirmou que são eles os responsáveis pela manutenção de algumas quadras, contribuindo na compra de aros, tabelas e na limpeza.

(...) as poucas quadras que existem hoje, a gente costuma cuidar. A gente varre, a gente limpa, a gente dá aquela valorizada na quadra, pra poder manter. (...).

As comunidades, por serem periféricas, não costumam receber investimentos e atenção governamental suficientes para atender às suas demandas. A atitude dos jogadores em serem eles próprios os mantenedores das quadras se justifica, pois eles sabem serem os responsáveis pela deterioração das quadras.

(...) as quadras nunca param, é sempre essa competição entre basquete, futebol; basquete, futebol. O futebol acaba arrebatando as quadras que tem, de basquete (...).

Os basqueteiros acertam acordos com os futebolistas em quadras existentes em escolas públicas, da região onde moram, para que as duas práticas sejam realizadas em comum acordo e com divisões de tempo, aproveitando, assim as boas condições oferecidas pelos responsáveis pelas quadras, sobretudo no caso de escolas. Segundo relata um jogador:

“aqui só tem uma praça e (...) tem que dividir com todo mundo, aí aqui a gente consegue uma parceria, os meninos daqui conversaram com os diretores (...)”

A utilização do espaço escolar, que é restrito aos fins de semana, ainda é uma alternativa tímida, mas viável, quando os jogadores estudam na escola e possuem um bom relacionamento com os responsáveis por ela, o que propiciou esse acordo.

No Rio de Janeiro, as organizações sociais foram responsáveis pela ascensão do basquete de rua. Porém, alguns participantes criticam o rumo que o esporte vem tomando na cidade. Questionados sobre o basquete de rua praticado na cidade e a avaliação positiva e negativa que fazem dele, os jogadores se dividem. Convergem sobre fato de o basquete de rua

ter tido anos melhores, a partir de 2004 até o ano de 2010, com relação a campeonatos e projetos implantados, para eles o basquete teve seu auge quando os campeonatos se iniciaram a partir da CUFA, porém a partir de 2010 houve uma queda, segundo eles, “não é mais novidade”. Há consenso em que o basquete vem crescendo ao longo dos anos, por conta dos projetos implantados pelas ONGs:

(...) Acho que até cinco anos atrás deu uma levantada considerável, mas desses cinco anos pra cá deu uma estagnada. Tipo chegou ao auge e está mantendo (...).

A crítica dos praticantes é pertinente, pois diz respeito aos campeonatos realizados pela CUFA, voltados para a modalidade, que diminuíram, deixando os jogadores receosos quanto ao interesse em incentivar a organização de campeonatos para a modalidade no estado. Conforme vimos, desde 2005, a CUFA realiza campeonatos de basquete de rua no Rio de Janeiro em nível municipal, estadual e nacional, porém 2010 e 2011, apenas o campeonato nacional foi realizado. Os projetos promovidos pela LUB não ocorrem mais, segundo seu coordenador, por falta de verba e espaço para realizar os projetos. Os jogadores temem não terem mais o basquete de rua em nível de competição, o que ainda ocorre nos campeonatos realizados pela CUFA, tornando-se só uma pelada praticada nas comunidades. Há uns poucos campeonatos esporádicos, organizados pelos próprios jogadores com a participação dos times apenas do Rio de Janeiro.

Considerações finais

Procuramos utilizar a perspectiva de Magnani (2002), identificando, descrevendo e interpretando as práticas que ocorrem na modalidade do basquete de rua no Rio de Janeiro.

O basquete de rua teve visibilidade depois que duas Organizações Sociais, a Central Única das Favelas e a Liga Urbana de Basquete, iniciaram projetos sociais voltados para o basquete de rua na cidade, promovendo ações sociais e culturais através da modalidade. Enquanto a CUFA iniciou seus projetos organizando campeonatos de basquete de rua em âmbito nacional e estadual, a LUB voltou-se para a criação de um time de basquete de rua, no estilo *Harlem Globetrotters*, percorrendo comunidades, hospitais e escolas da cidade, fazendo apresentações de basquete espetáculo.

Mas essas mesmas organizações que elevaram o basquete nas favelas, agora o abandonam, para envolver-se com o futebol, o que se justifica, em face da proximidade da Copa do Mundo no Brasil.

Este abandono é apontado e criticado pelos jogadores, que citam a diminuição de campeonatos voltados para a modalidade na cidade e apontam o desinteresse da esfera governamental para com este esporte no Rio de Janeiro, e com a CUFA voltando a sua atenção para seu novo projeto para a comunidade futebolística e com suporte massivo de varias instituições públicas e privadas.

Durante a pesquisa, identificamos quatorze comunidades onde se pratica a modalidade esportiva. Podemos garantir que nessas comunidades se ajustam e reelaboram as regras do basquete oficial, com foco na criatividade e no caráter espetacular de jogadas individuais. Os praticantes criam as regras em suas comunidades, que são baseadas no modelo tradicional; entretanto, eles abrem mão dessas regras, cada vez que se defrontam com times de outras localidades e regiões, pois nesse caso predominam as regras do basquete convencional, com taxa de ajuste relativamente pequena.

Concluimos que o basquete de rua é, na interpretação deles um basquete tradicional mais livre, com regras flexíveis, ajustadas às suas necessidades. É o basquete onde raramente aparece uma jogada característica do basquete de rua, sendo neste caso, um basquete jogado *na rua*.

Referências

- CUFA. **Regras oficiais da liga brasileira de basquete de rua**: manual dos basqueteiros. Rio de Janeiro: Daijo Gráfica, 2008.
- DAYRELL, J. O rap e o funk na socialização da juventude. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 117-136, jan./jun., 2002.
- DUARTE, R. J. B. **O Basquete de rua como manifestação da cultura corporal na cidade de Salvador**. 2010. 92 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.
- FREITAS, A; VIEIRA, S. **O que é basquete**: história, regras, curiosidades. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006.
- GUARESCHI, F; PRATES, A. M; MORAES, A. M. L. O universo paralelo: o hip hop como alternativa de reelaborar. **Revista da Graduação**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 1-24, jan./jul., 2008.
- MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista brasileira de ciências sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, jun., 2002.
- OLIVEIRA FILHO, A. **História do streetball**. Rio de Janeiro, dezembro, 2006. Disponível em:
<http://www.lub.org.br/pages/streetball/historia_do_streetball/images/Historia_Streetball_dez_15-Revisao_1.pdf> Acesso em: 04/04/2011.
- OSBORNE, R.; SILVA, C. A. F.; VOTRE, S. Educação física, esporte e desenvolvimento sustentável. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 14, n. 1, p. 1-14, jan./abr., 2011.
- PINHEIRO, D. M. **Fazendo arte no viaduto**: Considerações sobre o hip hop carioca. In: XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, Rio de Janeiro, 2009.
- SILVA, C. A. F.; CORREIA, A. M. Espetáculo e reflexividade: a dimensão estética do basquete de rua. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 30, n. 1, p. 107-122, set., 2008.
- SPINDOLA, B. **Políticas de esporte para a juventude**. São Paulo: Centro de Estudos e Memória do Esporte, 2008.
- STIGGER, M. P. et al. (Org.). **Esporte na cidade**: estudos etnográficos sobre sociabilidades esportivas em espaços urbanos. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. 194 p.

2 ESTUDO 2 - BASQUETE DE RUA: UM ESTILO DE JOGO NAS PERIFERIAS DO RIO DE JANEIRO (ARTIGO CIÉNTIFICO)

BASQUETE DE RUA: UM ESTILO DE JOGO NAS PERIFERIAS DO RIO DE JANEIRO

Anlessa Cristine Almeida de Jesus, UGF

Sebastião Josué Votre, UGF

Ludmila Mourão, UFJF

Carlos Alberto Figueiredo da Silva, UNIVERSO

Resumo

O basquete de rua se disseminou pelo mundo e pelo Brasil como manifestação norte-americana da cultura africana, associado ao *hip hop*, sobretudo nas periferias. Neste estudo procuramos identificar os significados do basquete de rua para seus praticantes no Rio de Janeiro. A pesquisa constituiu-se, primeiro, da análise das falas de oito homens entre 19 e 34 anos que jogam basquete de rua na quadra da Central Única das Favelas (CUFA), no bairro de Madureira; segundo, de fragmentos das regras da CUFA e letras de música sobre o basquete de rua. Constatamos que o basquete de rua praticado no Rio de Janeiro replica os valores presentes nas regras internacionais e, como esporte participação, é praticado por negros e negras das periferias, com espírito lúdico e criativo.

Palavras-chave: esporte-participação, identidade cultural, criatividade

Introdução

O presente estudo analisa o basquete de rua, que se constituiu como uma variante do basquete tradicional, e se caracteriza por priorizar a realização de dribles e passes desconcertantes, em ambientes diferenciados. Adotado pela Liga Urbana de Basquete (LUB) em 2004, e pela Central Única das Favelas (CUFA), em 2005, o basquete de rua é jogado por afro descendente em todo o Brasil.

Trata-se de um jogo com predomínio masculino, devido em parte às características singulares da prática, que naturaliza a noção de força física, a qual se materializa nos contatos físicos. Praticado em sua maioria por negros residentes das periferias da cidade, o basquete de rua retoma e atualiza tradições do *streetball* norte-americano, cuja cultura é, de rua, no sentido

amplo do termo, o que significa que pode ser jogado em qualquer lugar, e mesmo em quadra, mas não segue a filosofia do basquete competitivo.

O basquete de rua combina elementos da música, da vestimenta, do linguajar negros, entre outros aspectos, apontando para a existência de um grupo singular, que procura identificar-se com padrões os negros norte-americanos.

A literatura disponível neste tópico apontou uma produção que prioriza abordagens com foco voltado para as perspectivas históricas e sócio-antropológicas (OLIVEIRA FILHO, 2006; CUFA, 2008; SILVA & CORREIA, 2008; DUARTE, 2010⁵). Há relativamente poucos estudos na parte técnica, com descrição de regras e procedimentos, destacando-se no caso brasileiro e carioca o livreto produzido pela Central Única das Favelas, intitulado *Regras oficiais do basquete de rua – manual dos basqueteiros*, de 2009, que traduz as regras básicas utilizadas nos Estados Unidos e introduz peculiaridades nas punições, nos recursos de drible e desconcerto do oponente. As singularidades estilísticas do basquete de rua são evidentes, quando este estilo de jogo é posto em confronto com o basquetebol competitivo. A originalidade deste trabalho está na busca dos significados do basquete de rua para os seus praticantes, nas comunidades basqueteiras da cidade do Rio de Janeiro.

Neste artigo abordamos as características de espetáculo que os jogadores conferem ao basquete de rua. O objetivo principal é identificar e analisar os significados do basquete de rua para os praticantes desse estilo de jogo na cidade do Rio de Janeiro.

Método

O estudo, de perspectiva qualitativa, nos termos de Minayo (1994), se propõe descrever e analisar as práticas sociais dos atores esportivos e interpretar essas práticas, com preocupação crítica. O estudo teve caráter etnográfico, nos termos de Stigger (2007) com foco em técnicas para examinar e ouvir os participantes, com vistas a coletar dados sobre valores, hábitos, crenças, práticas sociais e esportivas (ANDRÉ, 2010), bem como comportamentos prototípicos do grupo amostral. Para a coleta de dados, utilizamos a técnica da observação participante⁶, e o diário de campo. Também contamos com respostas as entrevistas semiestruturadas com oito sujeitos, sobre os significados do basquete de rua por parte dos entrevistados. Incluímos uma seção de análise de três documentos sobre o basquete de rua, o

⁵ Duarte (2010) defendeu a dissertação *Basquete de Rua como manifestação da cultura corporal na cidade de Salvador*.

⁶ A primeira autora atua como árbitra de basquete de rua nos campeonatos locais, regionais e nacionais, bem como nos amistosos internacionais.

Manual dos basqueteiros, acima referido, o hino do basquete de rua, de autoria de MV Bill e a música And1 do *rapper* MAG.

A população do estudo se constituiu por oito jogadores de basquete de rua da cidade do Rio de Janeiro com idades entre 19 e 34 anos. Para os efeitos do estudo, foram realizadas 15 visitas no Centro Esportivo e Cultural da CUFA, embaixo do Viaduto Negrão de Lima, em Madureira, zona norte da cidade e ponto de encontro dos jogadores de basquete de rua.

O tratamento dos dados seguiu a orientação da análise de conteúdo, que segundo Bardin (2009) se caracteriza como uma técnica de investigação que através de uma descrição, sistemática do conteúdo manifesto das comunicações, com vistas a analisar essas mesmas interpretações. Para dar conta dos objetivos propostos, fizemos um recorte inicial de falas que tinham a ver com a busca de significados para a prática. Destacamos fragmentos de fala que abordam a temática do significado das práticas, para então proceder à interpretação dos dados coletados com os jogadores, a quem foram atribuídos nomes fictícios.

O projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Gama Filho⁷; após a sua aprovação, foi iniciada a coleta de dados, mediante assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pelos participantes das peladas na quadra oficial da Central Única das Favelas.

Análise e discussão dos resultados

Para identificar os significados fundantes do basquete de rua para os praticantes, realizamos perguntas que abordavam a prática, assim como a relação do basquete de rua com o basquete tradicional. Juntamente com a observação sistemática demos início a interpretação dos dados. Segundo os informantes, o basquete de rua se caracteriza pela criação. O jogador possui liberdade para criar e aperfeiçoar jogadas originais. Combinando competição e lazer. É só alegria, conforme se atesta a seguir: “Basquete de rua pra mim é diversão, diversão, arte, só alegria.” (Hélio)

Os jogadores se percebem com liberdade especial para criar movimentos: “No basquete de rua você tem mais liberdade pra fazer o que você quer, você tem liberdade pra inventar uma jogada, fazer um movimento.” (Bruno)

Caracteriza-se também por ser um espaço lúdico, aberto à livre expressão e desenvolvimento da criatividade. Em oposição, surge o basquete tradicional como lugar da disciplina, em que o aprimoramento da técnica coíbe o desenvolvimento da criatividade dos

| 3 CEP, CAAE.0001.0312.000-11.

praticantes. Na rua “(...) a postura do atleta em quadra é mais solta, a simplicidade dos movimentos e a complexidade deles.” Atesta o entrevistado Bruno.

No basquete centrado nas competências para inovar, predomina a arte: “(...) No 100% *streetball*, você não vê cesta. O jogo é de tempo, aí acaba dois a dois, quatro a dois. Você vê mais o cara dá uma caneta e ficar felicíssimo”.

Nesse caso, fazer a cesta não é o objetivo principal, porque na sofisticação do gesto se cumpre o interesse dos jogadores. A meta está na criação e não na utilidade da criação. O mais relevante é o desconcerto do oponente, são os passes especiais, gestos criativos como a caneta⁸, entre outros. “(...) o foco é você sacanear alguém (...)” (Astro).

As características dominantes no basquete de rua são reconhecidas, tanto pelos jogadores, como pelos torcedores. Têm sido referidas, na literatura específica, como um traço peculiar desse tipo de jogo. Para Silva e Correia (2008), nesse basquete se constata “a primazia pela estética, pelo belo que há no virtuosismo, pelo momento, pelo aqui e agora, pelo situacional, pode parecer trivial, mas, de fato, contém pontos subversivos, quando comparada à prática do sistema dominante do esporte”.

Os jogadores confrontam sua prática com a do basquete de quadra, em que as regras são estritas, e um árbitro garante seu cumprimento. No basquete de rua, por outro lado, só há árbitro nas competições e, mesmo nesse caso, sem consenso da parte dos jogadores sobre necessidade de árbitro. Nas peladas, que rolam semanalmente, não há restrições nem controle externo sobre o modo de jogar.

O basquete de quadra, que em geral rejeita o virtuosismo em favor da eficácia, é mais “regrado”, enquanto no basquete de rua elas são mais bonitas: “(...) outro é mais regrado né? Eles são mais certinhos, não improvisam na hora, as jogadas são bonitas, mas não é tanto quanto no street.”

A ideia de liberdade, como ausência de restrições, transparece em excertos como o seguinte: “O basquete de quadra é mais cadenciado, o de rua é livre; o de quadra você tem que seguir regra”.

As falas apontam para um jogar aleatório, mas é visível e constatável a presença das regras no basquete de rua. Não há liberdade para fazerem o que quiserem, uma vez que procedimentos como condução, dois dribles e andada, são proibidos nas peladas das três comunidades que visitamos.

⁸ A caneta consiste em passar a bola entre as pernas do adversário.

Quando apontam que o basquete de rua é um espaço sem regras, onde a cesta não é a mais importante, notamos uma contradição no discurso e no que de fato estes jogadores praticam. O basquete de rua neste momento pra eles se torna o basquete na rua, em espaço publico e livre para pratica do jogo. Por ser na rua, e ser um lazer se configura como uma adaptação do basquete de quadra com regras flexíveis. Mas com regras. “(...) Pra mim o basquete de rua é uma variação do esporte normal de quadra”. (Bruno)

Durante a observação sistemática, constatamos que de fato esse basquete de rua não existe, alguns apontam que a caneta, drible característico do basquete de rua vale ponto, mas o restante se resume a pontuação através da cesta. Nenhuma jogada característica do espetáculo da rua foi realizada, fato que se comprova com o discurso dos jogadores sobre as regras que são impostas em suas comunidades. Regras que incentivam o êxito através da cesta e dificilmente através de jogadas do basquete de rua.

O basquete apontado pelos jogadores, não é o que se pratica no Rio de Janeiro. É um basquete praticado na rua. O que se comprova também na fala dos informantes, quando apontam que o basquete de rua é só uma variação do basquete normal, mas no fim dizem que é quase a mesma coisa. “(...) o basquete de rua é praticamente um basquete normal” ou “(...) pra mim eu acho que é a mesma coisa.” A única diferença de fato é a falta de responsabilidade em seguir ordens e regras em quadra. “(...) ele permite que você descarte algumas regras, como o dois dribles, andada, condução (...). O descarte dessas regras se torna contraditório quando um informante diz que “na minha comunidade não pode andar nem conduzir a bola, o que vale é o convencional”. Andar e conduzir são regras que limitam o espaço e o desenvolvimento das jogadas em quadra.

Segundo um informante, “só é basquete de rua porque não é praticado em um ginásio”. A fuga da regra e a falta de responsabilidade em quadra mostram que há uma oposição velada entre a quadra e a rua. Identificamos nas falas dos entrevistados que o basquete de quadra se configura como um espaço de ordem e de riqueza, enquanto o de rua representa o espaço da liberdade e dos desfavorecidos economicamente.

Os participantes tendem a associar o basquete de rua a um local onde a vestimenta característica é simples e nem sempre de boa qualidade, enquanto no de quadra predominam as roupas de boa qualidade. “(...) o basquete de rua, eu to aqui vestindo short do camelô, a camisa mais velhinha e o basquete de quadra os caras botam mais uniformezinho” diz um entrevistado. “(...) No basquete de quadra, você olha muito o cara bem arrumado na rua não, você bota qualquer roupa, qualquer tênis (...)”

Apesar de caracterizarem o basquete de rua como um espaço democrático, os informantes deixam transparecer evidências de discriminação em relação aos jogadores de basquete de quadra quando apontam que estes são “certinhos” ou colocam “uniformezinho” pra jogar, enquanto na rua, “(...) você bota qualquer roupa, qualquer tênis, tem gente que joga ate descalço (...)”.

Mostram também que não estão jogando na rua por opção, e sim porque este é o basquete disponível para eles. Constatamos isso quando um entrevistado diz: “(...) quem não tem condições de jogar num clube, é um basquete que ajuda muito a rapaziada, mostrar o basquete.” (Dabá). Fica evidente que aqueles que não tiveram êxito no basquete de quadra por qualquer motivo se refugiam no basquete de rua, expressando ali o desejo de atuar no basquete tradicional considerado disponível apenas para os que tiveram condições de pagar uma escolinha ou tem o “porte físico adequado” segundo eles, altos e magros. Para os informantes o basquete de rua “(...) Não exclui ninguém por que é pobre, baixo, gordo (...)”. (Astro)

Neste momento denotam a frustração por não terem tido oportunidades em ingressar no basquete de quadra. Por não terem segundo eles, condições financeiras ou o porte físico pretendido pelos clubes. O basquete de rua além de se concretizar como um lazer para estes jogadores é um estilo de jogo integrador, que recebe todo tipo de pessoa.

Análise dos documentos

Nesta parte do estudo, vamos transcrever dois itens da regra utilizada pela CUFA em seus campeonatos e em seguida acrescentar nossos comentários e interpretações. Assim como analisar duas músicas que possuem como tema o basquete de rua.

a. Manual do basqueteiro 2008/2009

Na introdução do documento, pode-se ler:

O “Manual dos basqueteiros 2008/2009”, escrito pela Central Única das Favelas, apresenta as regras utilizadas em seu campeonato nacional de basquete de rua. Além das regras, a CUFA, apresenta também informações sobre os elementos que estão incluídos no movimento *hip hop, como o rap, DJ, grafite e o break*. A entidade tem por objetivo através de

seu projeto “Fortalecer a prática do esporte através da cultura Hip Hop, e fomentar também a inclusão social, tirando da ociosidade, jovens das periferias de todo o país.”

Segundo a entidade “Todos os tipos de malabarismos e truques com a bola são permitidos aos jogadores, sejam eles feitos com os pés, com a cabeça ou mediante qualquer outra maneira que o atleta utilize para iludir o adversário, de modo a estimular a versatilidade e criatividade como elementos inseparáveis desse basquete. O jogador poderá andar ou até mesmo correr com a bola, desde que seja exclusivamente para demonstrar habilidade, e não, para fazer a cesta. Esta permissão, contudo, não autoriza o jogador a dar sobre passo, nem bater a bola com ambas as mãos, simultaneamente, nem também efetuar dois dribles consecutivos (bater a bola, agarrá-la com as duas mãos e voltar a batê-la).” (regra 5.1.)

Interpretamos que a regra criada pela entidade estimula o jogador a promover espetáculo através das jogadas, porém logo abaixo a mesma utiliza de um dos tópicos da regra do basquete de quadra para manter a “ordem” na própria criação destas jogadas. A liberdade aqui é estimulada, mas com restrições. Essa passagem reforça a ideia do basquete livre, mas ordenado. O basquete de rua caracterizado pelos movimentos e criação de jogadas espetaculares pode até ser estimulado, mas logo é restringido quando se apresenta regras limitando o espaço e a finalização das jogadas. Bem como nos campeonatos realizados só são vencedores aqueles que efetuam o maior número de pontos nos jogos. E as cestas são as que possuem pontuações mais altas.

Para a CUFA a criação não pode ter como finalidade a obtenção de pontos através da cesta, somente a demonstração de suas habilidades individuais, visando desconcertar o adversário, deixá-lo “desnortado” com o drible.

Mas na passagem abaixo, constata-se que as maiores pontuações são de fato na finalização da cesta. O espetáculo passa a ser deixado de lado quando se atribui pontuações altas. A entidade, por outro lado tenta estimular o espetáculo quando atribui pontuações altas em jogadas como a “ponte aérea e os arremessos de 4 ou 5 pontos” feitas de locais afastados da cesta, mas essas jogadas são difíceis de se ter sucesso, requerendo uma técnica e habilidade apurada, o que torna rara as suas tentativas durante o jogo.

Apesar de, se for concluída, ser uma jogada de espetáculo dado ao seu grau de dificuldade, a plasticidade da jogada fica restrita pela dificuldade. E na contagem da pontuação, neste caso o vencedor é aquele que obtém o maior número de pontos, o jogador é estimulado aqui a criar jogadas fáceis e com mais garantia de ter sucesso, do que arriscar no espetáculo e perder o jogo. Identificamos aqui a primeira constatação da universalização do

movimento basquete de rua e segundo Baudrillard “Toda cultura que se universaliza perde sua singularidade e agoniza” (P. 112).

A própria jogada que visa o espetáculo, a “caneta” só confere ao jogador 1 ponto e as outras manobras ou truques ditos pela entidade não são citados no ganho de pontuações. Portanto, quem ganha no basquete de rua, é aquele que faz o espetáculo, e não mais eficiente. Está aí um contraste marcante com a proposta do basquete de rua e com a própria entidade, em estimular a criatividade. Comprovamos esta tendência em nossas atividades de observação participante, nas comunidades que visitamos e constatamos como se negociam e estabilizam as regras de cada comunidade.

Serão computadas as seguintes pontuações para as equipes:

1 ponto - caneta

1 ponto - lance livre

1 ponto - arremesso dentro da linha de três pontos

2 pontos - enterrada

3 pontos - enterrada com ponte aérea

3 pontos - arremesso, atrás da linha de 3 pontos

4 pontos - arremesso, atrás da linha de 4 pontos

5 pontos - arremesso, da sua quadra de defesa.

(Regra 7.1)

A pontuação estabelecida acima vale, para as competições nacionais, mas não para jogos internacionais, nem para as peladas nas periferias.

Músicas relacionadas ao basquete de rua

O Hino da LIBBRA foi escrito por MV Bill em 2005, para o primeiro campeonato nacional de basquete de rua, organizado pela CUFA. No texto de Bill, podemos notar também a consagração do virtuosismo desconcertante. Selecionamos apenas alguns trechos do hino, para que pudéssemos destacar as singularidades do basquete de rua a partir das músicas apresentadas.

b. *Hino da LIBBRA*

MV Bill

1º trecho:

*Vê se não enrola,
Olha pra frente e passa a bola,
Jogada de rua, que não se aprende na escola.*

Neste início do hino, vemos o apelo à habilidade, com alguma ambigüidade, porque se pede que o jogador passe a bola, e não que faça bonito. Portanto, o hino não prega as jogadas criativas, espetaculares, apenas diz as jogas de rua não se aprendem nas escolinhas de basquetebol, nem nos clubes, mas sim nas ruas, locais mais livres onde a originalidade é estimulada e não existe pressão nem controle voltado para a produtividade. Na rua, os jogadores se sentem livres, com pressão da torcida e dos demais colegas para criar, inventando, fazendo o que de fato eles querem.

2º trecho

*Comanda o jogo com atitude de negão
Voa alto faz a cesta com os pés fora do chão
Dando uma enterrada na cara do pivô
Que joga por dinheiro enquanto a gente joga por amor*

Neste trecho o autor valoriza os negões, reforçando a habilidade para o esporte e indica que os jogadores de basquete de rua jogam com atitude, não pensam em fins financeiros, e que o amor pelo esporte está acima de qualquer coisa.

A mensagem do fragmento aponta para o desempenho, com estilo, mas focaliza a cesta, ao contrário do que se ouve entre os peladeiros aficionados ao basquete de rua, A referência ao dinheiro é problemática, pois constatamos na fala dos jogadores que estes jogam o basquete de rua por que não tiveram e não têm oportunidade de jogar nas quadras, e apenas este basquete das periferias está disponível para eles.

3º trecho

*Deixa o rival do lado do avesso
Mostrando competência na hora do arremesso*

Quando o jogador opta por deixar o adversário “do avesso”, a criatividade está em jogo, as manobras desconcertam e desnorteiam, mas o arremesso e a competência sinalizam um jogo pragmático, com foco na vitória, ao contrário do que apregoa o discurso de um basquete não centrado na cesta.

c. *And1 Master*

MAG

Este hino foi selecionado para ilustrar o apego aos símbolos norte-americanos. O tênis And1 compõe um quadro de adereços em que entram os brincos brilhantes, os trajes para jogo e as expressões em inglês, como crossover.

1º trecho

Pra quem joga basquete, pra todos os manos e fãs,

Street Ball tá na alma, no pé modelo And1

O autor faz referência à And1, uma marca de tênis especializado para o basquete de rua. A And1 percorre o mundo divulgando e promovendo os tênis que comercializa. O autor apresenta o tênis como sendo essencial para a prática. O talento estaria concentrado na alma, se no pé estiver o tênis da And1. Cultua-se um símbolo americano como talismã, fonte energia e inspiração.

3º trecho

Hey Jordan, hey

Shaq, nós roubamos seus fãs, NBA é comédia, meu time é

AND1.

O autor ridiculariza o basquete da NBA americana, na ilusão de ter tomado seu lugar, de ter roubado seus fãs, para outro estilo de jogo americano, o streetball, em relação metonímica com o tênis da And1. Destaca o talento dos jogadores, incluindo o tênis como parte dos ingredientes de sucesso.

AND1 representa a incorporação da cultura americana, oferecendo-nos um indício de que o basquete de rua não se identifica com a cultura brasileira. A observação participante

evidenciou que andar com tênis e roupas de marca americana é parte do sonho de consumo do jogador de basquete de rua.

4º trecho

*Abra cadabra, com a bola por dentro da minha
camisa, um setecentos e vinte com uma cravada precisa,
a bola anda no braço, levanto ela com o pé, jogo
basquete de rua, mas faço estilo Pelé. Meu tênis sempre tá
limpo, meu corpo sempre no shape, pra sair na revista, na capa
da Mix Tape.*

Mag louva a arte das manobras radicais e incríveis no basquete de rua, a exemplo do duplo giro de 360 graus, da bola escondida dentro da camisa, das artimanhas no domínio da bola, em que braços e pés se articulam e sincronizam, para serem vistos e apreciados. O efeito estético é consagrado e imortalizado, na capa da revista americana Mix Tape.

Nestes trechos acima selecionados e comentados, musicado hino de MV Bill, o basquete de rua é cantado como espetáculo, mas não é gratuito. Está preso aos fins pragmáticos de vencer, fazer cestas, caracterizando-se como um basquete de negões, praticado *na rua*, mas rua, no hino, se traduz como espaço alternativo, não oficial. O hino consagra as regras do basquete de quadra e a eficiência “na hora do arremesso”.

Já nos trechos do artista MAG, transparece a apropriação da cultura norte americana pelos praticantes no país; a identidade pautada nos modelos americanos se explicita, com destaque para o basquete da NBA. Os jogadores têm como referência os ídolos americanos, que são centro das atenções nas conversas, nos arredores da quadra. A marca AND1 é referência entre os jogadores na hora de adquirir produtos voltados para o basquete. A música hip hop, importada também dos americanos, é responsável pela apropriação das marcas e singularidades do basquete de rua no Brasil, sobretudo no Rio de Janeiro. O efeito metonímico é claro, pois “quem gosta de hip hop acaba gostando também do basquete de rua”.

Os resultados da análise das falas mostram que os jogadores têm consciência das dificuldades por que passa o basquete de rua, mas suas queixas permitem inferir que eles não percebiam que o jogo que praticam está em processo de desaceleração.

Suas falas também permitem inferir que eles não se dão conta de que o basquete de rua é uma espécie de doação que a CUFA fez aos jovens das periferias urbanas e que no momento a mesma CUFA lhes retira o tape, cedendo lugar ao futebol das favelas, por razões políticas e conjunturais.

Os resultados da análise dos documentos legais e artísticos mostram que há esforço dos tradutores e adaptadores das regras do jogo em construir uma identidade genuína para os praticantes desse jogo de rua. A análise dos hinos denota um discurso pouco crítico, que louva o basquete convencional, quando pretende destacar o basquete de rua.

Os documentos permitem identificar-se o tom vicário do basquete de rua brasileiro, que não é parte da cultura nacional. Se o próprio basquete convencional vai mal no país, que dizer de um movimento que o imita e que não tem tradição de torcida, nem movimento de identificação com a cultura brasileira?

Considerações finais

As interpretações das falas dos informantes apontaram para o basquete de rua como opção de jogo e lazer para aqueles que não tiveram oportunidade de ingressar no padrão profissional; mostram também o basquete de rua como amador, com aparência de inclusivo e integrador, quando de fato é um movimento que articula jovens negros das periferias do Rio de Janeiro. Os entrevistados, de forma acrítica, apontam a versão praticada na rua como bem vinda a todos os tipos de pessoas, independentemente de tipo físico, classe social e etnia.

A pesquisa aponta na direção do prestígio que os praticantes concedem ao basquete de quadra, que eles associam à riqueza e a ordem, embora para eles o basquete de quadra se apresente como o espaço onde as regras são seguidas, sem possibilidade de liberdade nos movimentos.

Na observação sistemática, constatamos adesão às regras do basquete tradicional, tanto nos espaços da CUFA como nos jogos realizados nas comunidades onde jogam o basquete. A universalização e a adesão das regras do basquete de quadra estão presentes tanto nas falas quanto nos espaços onde se pratica o basquete, mostrando que a proposta inicial do basquete de rua criação de jogadas espetaculares não aparece no Rio de Janeiro.

Os jogadores apontam que para eles o significado do basquete de rua é a liberdade para criação de jogadas espetaculares e a diversão, porém a idéia se resume a um basquete praticado na rua, com regras flexíveis e ausência de responsabilidade em quadra, sendo permitido transgredir algumas que remetem a técnica e a mecânica dos movimentos. No

discurso deles o mais importante é ter a liberdade para se fazer o que se quer, sem se preocupar com o acerto dos gestos e a obediência em quadra. Estão fora do caráter competitivo, querem apenas aparecer.

O estudo demonstra que o basquete praticado na periferia do Rio de Janeiro, se configura como uma adaptação do basquete de quadra, prevalecendo regras que privilegiam a busca da vitória através das jogadas convencionais. Na análise dos documentos e visitas a campo, constatamos que o basquete de rua possui uma identificação com a cultura *hip hop*, que também provém do movimento negro. Porém este é um componente de um estilo de vida importado, que se orgulha de cultuar ídolos norte-americanos.

Referências

- ANDRÉ, M. Etnografia da prática escolar. 17ª Ed. Campinas: Papyrus, 2010.
- BAUDRILLARD, J. Tela total: mito-ironias da era do virtual e da imagem. Porto Alegre: Sulina, 2005.
- CUFA. Regras oficiais da liga brasileira de basquete de rua: manual dos basqueteiros 2008/2009. Rio de Janeiro: Daijo Gráfica, 2008.
- DUARTE, R J. B. O basquete de rua como manifestação da cultura corporal na cidade de Salvador. 92 f. 2010. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.
- MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. Revista brasileira de ciências sociais, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, jun., 2002.
- MINAYO, M. C. de S. 6ª ed. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.
- OLIVEIRA FILHO, A. História do *streetball*. Rio de Janeiro, Dezembro – 2006. Disponível em:
http://www.lub.org.br/pages/streetball/historia_do_streetball/images/Historia_Streetball_dez_15-Revisao_1.pdf.> Acesso em: 04/04/2011.
- SILVA, C. A. F.; CORREIA, A. M. Espetáculo e reflexividade: a dimensão estética do basquete de rua. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas. 1(30): 107-122, set., 2008.
- STIGGER, M. P.; et al. (Orgs.). Esporte na cidade: estudos etnográficos sobre sociabilidades esportivas em espaços urbanos. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. 194 p.

CONCLUSÃO

Neste estudo, tivemos como objetivo identificar e descrever o cenário do basquete de rua no Rio de Janeiro, assim como interpretar, a partir do discurso dos entrevistados, os principais significados dessa modalidade.

O basquete de rua teve visibilidade para a mídia e para o público que antes desconhecia essa prática do basquete após a Central Única das Favelas e a Liga Urbana de Basquete iniciar projetos sociais voltados para o basquete de rua na cidade, promovendo ações sociais e culturais através desse jogo. Durante a pesquisa, identificamos quatorze comunidades onde se pratica o basquete de rua. Dessas comunidades, seis estão localizadas na zona norte da cidade. Seis se localizam na zona oeste e duas na zona sul da cidade. Assim como nos EUA, o basquete do Rio de Janeiro também se concentra nas periferias. Nessas comunidades se ajustam e reelaboram as regras do basquete de quadra, com foco na criatividade e no caráter espetacular de jogadas individuais. Os praticantes criam as regras em suas comunidades, que são baseadas no modelo tradicional. Estão insatisfeitos com a situação atual desse basquete na cidade, sobretudo com a perda de espaços, como exemplo os campeonatos de basquete de rua antes promovidos pela CUFA, que vem optando por projetos voltados para praticantes de futebol.

Para os jogadores, o basquete de rua é praticado por aqueles que não tiveram oportunidade de ingressar no estilo profissional, e se caracteriza como atividade lúdica, de caráter inclusivo e integrador.

Embora afirmem que o basquete de quadra é o espaço onde as regras são seguidas sem possibilidade de liberdade nos movimentos, os basqueteiros de rua aderem às regras do basquete tradicional nos espaços da CUFA e em suas próprias comunidades.

O basquete de rua se caracteriza por dar ao jogador a liberdade para criação de jogadas e manobras diferentes com a bola e diversão, com regras flexíveis e ausência de responsabilidade em quadra, com espaço para transgredir umas poucas regras do basquete convencional.

O basquete de rua é para pobres, não se precisa estar bem arrumado ou com roupas de boa qualidade, é praticado em sua maioria por negros residentes das periferias da cidade. Combina elementos da música, da vestimenta e do linguajar.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, M. **Etnografia da prática escolar**. 17. ed. Campinas: Papirus, 2010.
- BAUDRILLARD, J. **Tela total: mito-ironias da era do virtual e da imagem**. Porto Alegre: Sulina, 2005.
- CUFA. **Regras oficiais da liga brasileira de basquete de rua: manual dos basqueteiros 2008/2009**. Rio de Janeiro: Daijo Gráfica, 2008.
- DAYRELL, J. O rap e o funk na socialização da juventude. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 117-136, jan./jun., 2002.
- DUARTE, R J. B. **O basquete de rua como manifestação da cultura corporal na cidade de Salvador**. 92 f. 2010. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.
- FREITAS, A; VIEIRA, S. **O que é basquete: história, regras, curiosidades**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006.
- GUARESCHI, F; PRATES, A. M; MORAES, A. M. L. O universo paralelo: o hip hop como alternativa de reelaborar. **Revista da Graduação**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 1-24, jan./jul., 2008.
- MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista brasileira de ciências sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, jun., 2002.
- MINAYO, M. C. de S. 6. ed. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- OLIVEIRA FILHO, A. **História do streetball**. Rio de Janeiro, dez. 2006. Disponível em: http://www.lub.org.br/pages/streetball/historia_do_streetball/images/Historia_Streetball_dez_15-Revisao_1.pdf.> Acesso em: 04 abr. 2011.
- OSBORNE, R.; SILVA, C. A. F.; VOTRE, S. Educação física, esporte e desenvolvimento sustentável. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 14, n. 1, p. 1-14, jan./abr., 2011.
- PINHEIRO, D. M. Fazendo arte no viaduto: considerações sobre o hip hop carioca. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 14., 2009, Rio de Janeiro, RJ. **Anais**. [Rio de Janeiro: s.n., 2009].
- SILVA, C. A. F.; CORREIA, A. M. Espetáculo e reflexividade: a dimensão estética do basquete de rua. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 30, n. 1, p. 107-122, set. 2008.

SPINDOLA, B. **Políticas de esporte para a juventude**. São Paulo: Centro de Estudos e Memória do Esporte, 2008.

STIGGER, M. P. et al. (Org.). **Esporte na cidade**: estudos etnográficos sobre sociabilidades esportivas em espaços urbanos. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. 194 p.

APÊNDICE A - Roteiro de Entrevista



UNIVERSIDADE GAMA FILHO
Curso de Pós-Graduação *stricto sensu* em Educação Física
Campus Piedade

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Prezado participante,

Você está sendo convidado para participar, como voluntário, de uma pesquisa sobre **“A trajetória e o estado da arte do basquete de rua no Rio de Janeiro”**. Sua colaboração é muito importante. Não é necessário se identificar e caso você tenha alguma dúvida, não deixe de consultar o pesquisador.

1. O que é basquete de rua pra você? Cite características que em sua opinião identifica o basquete de rua.
2. Como praticante você vê mais semelhanças entre o basquete de rua e o basquete tradicional, ou mais diferenças? Que marcas você elegeeria para diferenciar o basquete de rua do tradicional?

APÊNDICE B – Diário de Campo

UNIVERSIDADE GAMA FILHO
Curso de Pós-Graduação *stricto sensu* em Educação Física
Campus Piedade

DIÁRIO DE CAMPO

Data:	Local:
Horário Início:	Horário Término:
Número de presentes:	

- 1) Quais são os dias e horários de encontro do grupo?
 - 2) Quantos praticantes aparecem no local?
 - 3) Quais tipos de vestimentas são utilizadas pelos praticantes e presentes no local?
 - 4) Como são formados os times fora do ambiente competitivo?
 - 6) Como são encaradas as demonstrações de habilidades, além do traço fair-play?
 - 7) Qual é o tipo de confraternização que há entre os atletas?
-

APÊNDICE C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

CONVITE AOS PARTICIPANTES

Você está sendo convidado para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assinie no final deste documento, que está em duas vias. Uma é sua e outra é do pesquisador.

Título do projeto: **Trajatória e estado da arte do basquete de no Rio de Janeiro**

Este estudo tem por objetivo pesquisar esta modalidade que tem surgido nas periferias da cidade do Rio de Janeiro e investigar como se iniciou o movimento do basquete de rua na cidade.

A sua participação na pesquisa consiste em responder um questionário e a entrevista que será realizada e gravada pelos próprios pesquisadores, sem qualquer prejuízo ou constrangimento para o pesquisado. Após a coleta da entrevista e do questionário, os dados obtidos serão tabulados e transcritos pelos pesquisadores. As informações obtidas através da coleta de dados serão utilizadas para alcançar o objetivo acima proposto, e para a composição do relatório de pesquisa, resguardando sempre sua identidade. Caso não queira mais fazer parte da pesquisa, favor entrar em contato pelos telefones aqui citados.

Anlessa Cristine Almeida de Jesus: (021) 9488 – 1161. Endereço: Rua General Rodrigues, nº 19/301, Rocha – Rio de Janeiro – RJ.

Sebastião Josué Votre: (021) 7606 - 8743. Endereço: Rua Mario Pederneiras, nº 4/204, Humaitá – Rio de Janeiro - RJ.

Programa de Pós Graduação em Educação Física Gama Filho (PPGEF): 2599 – 7138. Endereço: Rua Manoel Vitorino, nº 553, Piedade – Rio de Janeiro – RJ.

Este termo de consentimento livre e esclarecido é feito em duas vias, sendo que uma delas ficará em poder do pesquisador e outra com o sujeito participante da pesquisa.

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu,

_____, RG _____
 _____(órgão) CPF _____, abaixo assinado,

concordo em participar do estudo como sujeito. Estou devidamente informado e esclarecido pelos pesquisadores sobre a pesquisa e os procedimentos envolvidos.

Local: _____

Data ___/___/____.

Assinatura do participante

Nomes dos pesquisadores:	Rubrica
1) Orientador: Prof. Dr. Sebastião Josué Votre	

2) Mestranda: Prof ^{ra} . Anlessa Cristine Almeida de Jesus	
--	--

Comitê de Ética e Pesquisa
CEP da Universidade Gama Filho – Pró – Reitoria de pesquisa e extensão
Rua Manoel Vitorino, nº 553, Piedade – Rio de Janeiro.
Protocolo CAAE 0001.0312.000-11, aprovado em março de 2011
Telefone: (021) 2599 – 7100. www.ugf.br

ANEXO A - Entrevista com Asfilófilo Oliveira Filho, representante da Liga Urbana de Basquete.

Entrevista com Asfilófilo Oliveira Filho, representante da Liga Urbana de Basquete.

Entrevista feita no dia 14/04/2011

Meu nome é Asfilófilo de Oliveira Filho, fui formado em engenharia civil, mas sempre fui ligado as questões do esporte, essa questão do esporte, pra mim sempre foi uma referência, comecei muito cedo, jogava futebol, por conta de morar numa área como o Jacaré, ai jogava bola praticamente todo dia. Sempre com o pensamento de um dia se profissional. Meu lance sempre foi produção, sempre foi produzir, sempre foi criar, e paralela a faculdade, me especializei em marketing, me especializei mais tarde 8 anos, 9 anos atrás em administração esportiva pela Fundação Getulio Vargas (FGV).

Foi a partir de um contato com o lado americano que eu conheci a NBA. Que por sua vez me contratou pra trazer o basquete no lado social, que é o basquete sem fronteiras, para vir pro Brasil. Então foi aqui no Rio de Janeiro que aconteceu em 2004 a primeira ação social da NBA na America do sul, leia-se Brasil. Com isso aqui nós tivemos 50 atletas das Américas treinando a escola nacional do exercito, ali na Urca, escola de educação física do exercito. Tivemos treinando durante 15 dias. E com esses atletas vieram a diretoria claro da NBA, alguns atletas brasileiros, que na época era Nenê e Leandrinho, que na época eram o auge e o Oscar como convidado. E mais uma galera do Caribe e outra da Argentina. Esse grupo que chegou, fez um trabalho fantástico. Junto com favelas, junto com entidades, montou bibliotecas, enfim, fez uma ação social aqui. Essa ação social gerou um legado. Mais que era um centro americano. Eles gozavam de tudo novo. Então eu herdei esse material. A instituição chegou e falou. “Toma esse material e faz o que você quiser.” Material de basquete, então você tinha. Tênis 50, tênis 52. Então o Mutombo (jogador) 54 o tênis dele, então. Muitos tênis. Calção, meia, bola. Enfim, material fantástico né? Esse material eu falei: “bom, eu tenho que organizar isso.” Esse material eu deixei guardado. Fui viajar pros Estados Unidos, a convite deles. Fui direto pro Harlem e no Harlem conheci uma série de pessoas. Ligadas ao esporte, ligadas a musica, da área da cultura. Ai eu entrei em contato com pessoas responsáveis pelo basquete de rua. Aonde eles aplicam o basquete de rua. Com uma visão diferenciada. A parada deles La é a seguinte, La é como o futebol. Eles têm o basquete La como uma ascensão. Com uma visão de ascensão social. Bom, então esse material eu voltei. Ai o que eu fiz, fui fazer uma peneira. Ai a gente foi e organizou, apareceu 200 basqueteiros.

Essa molecada de comunidades carentes. A maioria negro. Todo mundo queria entrar pra essa nova equipe. Tinha bola da spalding, nova, cinza, na época de couro. Tênis top de linha da época, e uniforme da NBA original. Só isso ai, já viu né? Todo mundo queria participar. Fizemos uma seleção, escolhemos 15 cabeças. A gente ia nos hospitais, no Instituto Nacional do Câncer, sabe, os doutores da alegria? Éramos nós revestidos de basqueteiros da alegria, que chegava no Inca, com a bola, entrava na enfermaria, fazia palhaçada. Então a gente fez creche, escola, comunidade, colégio branco, rico. Ai todo mundo dizia: “mas ai só tem preto?” Ai eu dizia: “não, olha o Bial ai, tinha um jogador que o pai era dono de uma agencia de carros. E nós começamos a ir pra favela, chegamos no Afroreaggae chegamos lá, e começamos uma escolhinha de basquete de rua dentro da favela, então a primeira escola de basquete de rua foi da LUB, dentro da favela.

ANEXO B – Entrevistas

1. O que é “basquete de rua” pra você? Cite características que identificam o basquete de rua.
2. Como praticante você vê mais semelhanças entre o basquete de rua e o basquete tradicional, ou mais diferenças? Que marcas você elegeeria para diferenciar o basquete de rua do tradicional?

Os oito informantes são negros e da periferia. Os nomes são fictícios, em ordem alfabética. A notação (...) indica que foram retiradas partes das falas que não respondiam às perguntas.

ASTRO

O que é basquete de rua pra você? Cite características que em sua opinião identificam o basquete de rua.

R: (...) o foco é você sacanear alguém. (...) Não exclui ninguém por que é pobre, baixo, gordo (...)

Como praticante você vê mais semelhanças entre o basquete de rua e o basquete tradicional, ou mais diferenças?

(...) no basquete de rua, você pode jogar sem cesta. no basquete de rua ele permite que você descarte algumas regras, como o dois dribles, andada, condução (...)

BRUNO

O que é basquete de rua pra você? Cite características que em sua opinião identificam o basquete de rua.

R: Pra mim o basquete de rua é uma variação do esporte normal de quadra.

(...) O movimento, os lugares que você pratica o basquete de rua.

Como praticante você vê mais semelhanças entre o basquete de rua e o basquete tradicional, ou mais diferenças? Que marcas você elegeeria para diferenciar o basquete de rua do tradicional?

R: (...) a única diferença é que no basquete de rua você tem mais liberdade pra fazer o que você quer (...) a postura do atleta em quadra é mais solta, a simplicidade dos movimentos e a complexidade deles.

CRESPO

O que é basquete de rua pra você? Cite características que em sua opinião identificam o basquete de rua.

R: Com regras menos rígidas, com mais liberdade nos dribles.

Como praticante você vê mais semelhanças entre o basquete de rua e o basquete tradicional, ou mais diferenças? Que marcas você elegeeria para diferenciar o basquete de rua do tradicional?

R: (...) é só em relação o basquete de rua é um basquete mais solto que não visa só a cesta (...) é em relação aos dribles, o cara joga mais solto.

DABÁ

O que é basquete de rua pra você? Cite características que em sua opinião identificam o basquete de rua.

R: (...) quem não tem condições de jogar num clube, é um basquete que ajuda muito a rapaziada, mostrar o basquete. (...) o crossover e a cesta de 4 pontos.

Como praticante você vê mais semelhanças entre o basquete de rua e o basquete tradicional, ou mais diferenças? Que marcas você elegeeria para diferenciar o basquete de rua do tradicional?

R: é mais diferente.

ESPERTO

O que é basquete de rua pra você? Cite características que em sua opinião identifica o basquete de rua.

R: (...) o basquete de rua é praticamente um basquete normal. Com mais arte, mais alegria. (...) a roupa que a pessoa ta vestindo e as regras (...)

Como praticante você vê mais semelhanças entre o basquete de rua e o basquete tradicional, ou mais diferenças? Que marcas você elegeeria para diferenciar o basquete de rua do tradicional?

R.: (...) pra mim eu acho que é a mesma coisa. (...) No basquete de quadra, você olha muito o cara bem arrumado Na rua não, você bota qualquer roupa, qualquer tênis (...)

FIRULA

O que é basquete de rua pra você? Cite características que em sua opinião identificam o basquete de rua.

R: Basquete de rua pra mim é uma arte. (...) basquete de rua é algo mais largado, improvisado. E também vejo a vestimenta né. (...)

Como praticante você vê mais semelhanças entre o basquete de rua e o basquete tradicional, ou mais diferenças? Que marcas você elege para diferenciar o basquete de rua do tradicional?

R: mais diferença (...) o basquete de rua, eu to aqui vestindo short do camelo, a camisa mais velhinha e o basquete de quadra os caras botam mais uniformezinho

GOGÓ

O que é basquete de rua pra você? Cite características que em sua opinião identificam o basquete de rua

R: O basquete de rua é um esporte onde você tem um contato com pessoas, de diversas classes sociais e diversas idades. (...) O modo se vestir, de se comportar (...)

Como praticante você vê mais semelhanças entre o basquete de rua e o basquete tradicional, ou mais diferenças? Que marcas você elege para diferenciar o basquete de rua do tradicional?

R: Poucas diferenças (...) você dá um drible você ganha um ponto (...)

HÉLIO

O que é basquete de rua pra você? Cite características que em sua opinião identificam o basquete de rua.

R: Basquete de rua pra mim é diversão (...) o modo de jogar, o modo de se vestir a regra é diferente (...)

Como praticante você vê mais semelhanças entre o basquete de rua e o basquete tradicional, ou mais diferenças? Que marcas você elege para diferenciar o basquete de rua do tradicional?

R: (...) tem muita diferença (...). Os dribles é muito mais rápido de jogar (...) o basquete de rua é pura liberdade

ANEXO C - Manual dos Basqueteiros 2008/2009

Manual dos Basqueteiros 2008/2009

"Esta publicação é parte integrante do Projeto de mobilização de jovens das periferias, através da LIIBRA 2008 que conta com o financiamento do Ministério da Justiça, por meio do PRONASCI."

Esta edição foi concebida pela **CUFA** – Central Única das Favelas e desenvolvida por Celso Athayde.

O texto possui uma linguagem de fácil entendimento que trás pela primeira vez para as páginas de uma publicação o dialeto e as regras do Basquete de Rua no Brasil.

Todos os direitos desta obra são reservados a CUFA

Central Única das Favelas

Rua Carvalho de Souza - 137/111 - Madureira

Rio de Janeiro - RJ - CEP 21350-180 Tel: 21-3015-5927

Concepção e Coordenação do Projeto: CUFA- Central Única das Favelas

Elaboração do Projeto: Fernanda Borriello

Apoio: Ministério da Justiça

Revisão: Fernanda Borriello, Simone Basílio, Claudia Raphael, Ana Paula Sabbag, Gleice Ferreira e Jane Carvalho

Capa e Projeto Gráfico: Galdino e Leandro Gonçalves

Fotos: Fabiana Cruz e acervo pessoal CUFA

Editora: CUFA

Central Única das Favelas - CUFA

Agradecimentos:

Para expressarmos todos os nossos agradecimentos àqueles que se envolveram na realização desta obra, seria necessário um espaço bem maior que algumas breves linhas.

Aliás, acreditamos que todas as páginas desta publicação não seriam suficientes para caber os nomes de todos que nos impulsionaram de alguma forma para concretizarmos mais esta realização.

O *Manual dos Basqueteiros* é o resultado da vontade de alguns “malucos”, que um dia se reuniram em um evento de Hip Hop para bater uma pelada com uma “**lata de lixo**” e quadra de basquete improvisada.

Como seria injusto citar nomes aqui, preferimos dizer que a CUFA agradece a todo mundo que se sente CUFA no coração, pois assim estaremos alcançando certamente a todos.

Índice:

O que é Basquete de Rua

O primeiro campeonato estadual

O primeiro campeonato municipal

Todos os anos da LIIBRA

A Liga Brasileira de Basquete de Rua - LIIBRA

Regulamento

Dimensões oficiais da quadra

Do Jogo

A bola e "o cara"
 Das restrições quanto a movimentação ou retardo de jogo
 Dos limites de tempo com a bola
 Das manobras
 Da altura dos aros
 Da pontuação
 Do lance livre
 Das partidas terminadas em empate
 Da marcação
 Das Faltas
 Falta pessoal
 Faltas individuais
 Falta coletiva
 Falta de educação
 Falta na enterrada
 Faltas nas decisões dos campeonatos
 Apenação anti-desportiva em caso de brigas
 Cartões de apenação
 Amarelo
 Azul
 Vermelho
 Dos árbitros
 Dos mesários
 Dos uniformes
 Do sistema de classificação nas disputas da LIIBRA
 Elementos importantes para o Basquete de Rua
 MC's
 DJ's
 Libbretes
 Graffiti
 Break
 Skate
 Os jovens e a Libbrinha
 Presidentes da LIIBRA
 Hino Oficial da LIIBRA
 O dialeto das ruas

O QUE É BASQUETE DE RUA?

A quadra era o Armazém 5, do Cais do Porto do Rio de Janeiro. A cesta era uma lata de lixo. Os atletas eram jovens que naquele momento disputavam um improvisado "racha de basquete" com uma bola similar à bola laranja utilizada no basquete e, então, no *Hutúz Rap Festival* (**uma tradicional manifestação** de Hip Hop) surgiu no ano de 2001 o conceito do Basquete de Rua Nacional (uma variação que transita do basquete tradicional ao Streetball).

A brincadeira foi imediatamente absorvida e ajustada pela coordenação da Central Única das Favelas (CUFA), instituição social realizadora do evento, e que acabou por criar, dentro dele, um espaço para aquela prática divertida e altamente competitiva.

Assim, no ano de 2002, a CUFA – que sempre viu no esporte uma grande ferramenta a ser utilizada para promover a auto-estima da população – criou o primeiro campeonato nacional

de Basquete de Rua, o *Hutúz Basquete de Rua (HBR)*, que acontecia dentro do *Hutúz Rap Festival*, o maior evento de Hip Hop da América Latina. Equipes de 13 Estados brasileiros disputaram o torneio, que teve a duração de três dias.

Apesar de existir até hoje, o HBR se tornou pequeno, três dias já não eram suficientes para comportar o campeonato que atraía cada vez mais times e jovens de todo o país. A CUFA então criou a LIIBRA - Liga Brasileira de Basquete de Rua, que se tornou referência única nesta modalidade cultural-esportiva em dimensão nacional. Já em sua primeira edição, em 2005, a grande final da LIIBRA foi realizada em um dos palcos mais expressivos da cultura carioca, o Sambódromo do Rio de Janeiro.

Essa manifestação espontânea de amor ao basquete e ao Hip Hop, se consolidou enquanto movimento tipicamente urbano e se tornou um elo na relação entre o esporte, a cultura **Hip Hop** e o movimento social, dando assim, o sentido definitivo ao Basquete de Rua e do qual ele passava a ser uma vertente fundamental.

Uma manifestação esportiva com compromisso cultural e social que vem proporcionando aos jovens amantes da cultura urbana, a relação que transforma esse comportamento em um pólo de comunicação entre os jovens das periferias brasileiras.

Muito conhecido como "basquete-arte", marcado por jogadas geniais, divertidas e pelas diferenciadas dinâmicas de jogo, o Basquete de Rua não se prende às regras convencionais, cria suas próprias. Dentro das linhas que definem uma quadra de Basquete de Rua, a liberdade de criar novas regras é o que mais conta.

Deste modo, a CUFA se orgulha de propiciar à sociedade os maiores espaços ALTERNATIVOS de interação entre aqueles que são apaixonados por esta modalidade de artes integradas e esporte de participação, seja através do Hutúz Basquete de Rua, da Seletiva Estadual de Basquete de Rua – SEBAR (que já acontece em todos os estados brasileiros) ou da LIIBRA, a Central Única das favelas continuará, como vem fazendo a mais de 10 anos, fomentando todas as formas de acesso e inserção por meio da cultura das ruas.

O primeiro campeonato estadual de Basquete de Rua do Brasil

Com o sucesso da Liga Brasileira de Basquete de Rua, a CUFA se viu obrigada a incentivar, a partir de 2005, a criação de uma Seletiva Estadual de Basquete de Rua (SEBAR) em cada um dos Estados onde atua. A primeira a ser criada foi a SEBAR-RJ, um evento que durante dois meses reúne equipes de várias cidades do estado na luta por uma vaga na LIIBRA, consequentemente um espaço entre os melhores times do país. Hoje, a SEBAR se transformou em um caminho natural para a Liga, sendo disputada em todos os Estados que querem um lugar entre as equipes consideradas as mais preparadas do Brasil.

O primeiro campeonato Municipal

O primeiro campeonato municipal de Basquete de Rua também aconteceu no Rio de Janeiro, em 2006. O objetivo da competição era propiciar condições aos jovens de participarem da Seletiva Estadual. Foi então criada, sob o Viaduto Negrão de Lima, no bairro de Madureira (Rio de Janeiro-RJ), a LUC (Liga Urbana Carioca).

Essas duas iniciativas se espalharam por todo o país, dando início a uma verdadeira massificação do novo conceito de um basquete diferente, o Basquete de Rua, e também fortalecendo o processo de integração social de todas as periferias do Brasil através do esporte. A partir de 2009 os nomes “SEBAR” e “LUC” não serão mais usados, a LIIBRA será disputada em “3 versões”:

Libbra Circuito: Municipal, Estadual e Nacional.

LIGA BRASILEIRA DE BASQUETE DE RUA

REGRAS OFICIAIS

O Basquete de Rua é um movimento esportivo-cultural surgido nas ruas de forma espontânea como forma de lazer e entretenimento social. Praticado principalmente por crianças e jovens, a CUFA – Central Única das Favelas, Instituição Social que promove a cultura, educação, saúde, esporte e lazer em favelas em todo o país – organizou o primeiro campeonato de Basquete de Rua em 2001, durante um evento de Hip Hop denominado HUTUZ.

A partir deste instante, o Basquete de Rua e a Cultura Hip Hop se tornaram co-existentes em um novo contexto social, promovendo rápida ascensão da modalidade a nível nacional.

Em 2004 a CUFA cria a LIGA BRASILEIRA DE BASQUETE DE RUA – LIIBRA, evento que reuniria equipes de Basquete de Rua de vários estados brasileiros sob o foco da interação e do desenvolvimento social através da prática esportiva saudável e do congruente acesso a cultura urbana.

Em 2009, a LIIBRA torna-se uma Instituição, regendo as ações de Basquete de Rua em todo o país. Nos vinte e sete estados brasileiros, acontecem as LIIBRA'S ESTADUAIS, que classificam as melhores equipes a disputar o título de campeão brasileiro se consagrando através da LIIBRA – CIRCUITO NACIONAL.

Abaixo segue o documento criado pela LIIBRA e que rege as regras oficiais de jogos de Basquete de Rua no formato 4x4 jogadores em quadra inteira.

REGRAS OFICIAIS DO BASQUETE DE RUA DO BRASIL

a

Regulamento dos Certames da LIIBRA

Art. 1º - O Regulamento da LIIBRA tem por objetivo fixar e publicar normas uniformes e padronizadas para as competições de Basquete de Rua, utilizadas como instrumento da manifestação desporto-participação e promovidas/organizadas pela CUFA e suas representações nos Estados e no Distrito Federal.

Parágrafo único - Este Regulamento aplica-se, indistintamente, a todos os jogadores/equipes, masculinas e femininas participantes das competições de Basquete de Rua organizadas responsabilidade da CUFA, no plano nacional, ou, suas representações na esfera estadual.

1. Das dimensões oficiais da quadra

A quadra de Basquete de Rua terá a medida que for possível, mas, a medida padrão sugerida pela LIIBRA é de 12m x 22m como dimensão ideal para a quantidade de jogadores em ação.

2. Do jogo

2.1. O Basquete de Rua é disputado por duas equipes de até 6 jogadores (quatro jogadores em linha e até 2 na reserva) , tendo como objetivo colocar a bola dentro da cesta ou coador do time adversário.

2.2. O jogo pode ser realizado em qualquer ambiente, exemplificadamente: na rua; em quadras improvisadas, ginásios; sob viadutos; ao ar livre, dentre outros, tendo como filosofia principal motivar a participação, descontração, integração social, inserção cultural e desportiva, constituindo-se o caráter competitivo o meio e não finalidade maior.

2.3. Os jogos oficiais da LIIBRA, bem como das Seletivas Estaduais, exceto os jogos de finais de campeonato, serão disputados em dois (2) tempos de 8 minutos e 30 segundos cada, com intervalo de um (1) minuto entre eles. Quando se tratar de partidas finais de torneios (ou campeonatos), estas terão três (3) tempos de 10 minutos corridos para cada um deles.

2.4. A escolha dos lados da quadra será definida pelo sistema de par ou ímpar. A equipe que vencer escolherá o lado da quadra a jogar no primeiro tempo, no segundo tempo dar-se-á a

inversão. Nas hipóteses de partidas finais em que houver terceiro tempo, as equipes jogarão este período do lado da quadra em que iniciaram a partida.

2.5. Uma partida só poderá ser iniciada após aquecimento de no mínimo cinco (5) minutos, e, ao término do aquecimento, o árbitro determina que todos se cumprimentem antes de se posicionar. Depois de todos posicionados na quadra, inclusive, os dois jogadores que irão disputar a bola ao alto, o árbitro inicia o jogo.

2.6. A posse de bola inicial será definida por uma disputa de “bola ao alto” realizada no centro da quadra. Participarão desta disputa os jogadores mais baixos de cada equipe, ficando os demais jogadores do lado de fora do círculo central. Quando essa marcação não existir, todos os outros jogadores deverão permanecer a, no mínimo, três (3) metros de distância da disputa e, só poderão tirar os pés do chão após a bola ser tocada por um dos atletas que disputam a posse de bola ao alto.

2.7. O sistema de “bola ao alto” será também usado para definir a posse de bola nos casos de bola presa durante as partidas, fazendo-se a disputa exatamente no local onde ocorreu o fato e com os jogadores envolvidos. No caso de haver mais de um jogador da mesma equipe envolvido na jogada, o mais baixo da equipe disputará a posse de bola com o adversário, e, se forem dois de cada equipe, os mais baixos de ambas disputarão a bola ao alto, ficando todos os demais jogadores do lado oposto da quadra onde se disputa a bola ao alto. Em caso de a *bola presa* ter ocorrido numa distância inferior a três (3) metros da linha central que divide a quadra, os atletas deverão ficar distante, pelo menos, três (3) metros da disputa de bola e respeitar a proibição de tirar os pés do chão antes que a bola seja tocada por um dos jogadores que participam da disputa da bola ao alto.

2.8. Cada equipe terá direito a pedir um (1) único tempo de trinta (30) segundos de paralisação durante a partida, em jogos comuns. Nos casos de partidas finais de competições as equipes terão direito a dois (2) tempos de trinta (30) segundos de paralisação durante toda a partida.

2.9. O cronômetro só será parado no momento em que houver arremessos de lances livres, ou, quando as equipes solicitarem tempo técnico. Fora destas hipóteses não haverá qualquer outra pausa ou paralisação do cronômetro, e a equipe que deliberadamente retardar ou paralisar o jogo, será punida, com falta técnica.

2.10. Os jogadores poderão andar com a bola, desde que batam com ela no chão a cada passo dado (drible). Quando da execução de alguma manobra onde tudo é permitido, o atleta pode, inclusive, esconder a bola sob a sua camisa.

2.11. É vedado ao jogador atacante permanecer dentro do garrafão da equipe adversária por mais de três (3) segundos.

2.12. Não é permitido ficar com a bola por mais de oito (8) segundos na zona (ou lado o da quadra) de defesa da equipe.

2.13. O treinador e os jogadores que estiverem no banco de reservas não poderão, em nenhuma hipótese, entrar na quadra durante o jogo, exceto em caso de substituição de atleta. Caso contrário, a equipe infratora será penalizada com falta técnica coletiva e o adversário somará no placar a quantidade de pontos relativa ao número de invasores. Em caso de invasão da quadra por parte das duas equipes, ambas entrarão com quatro (4) pontos negativos em seu próximo jogo.

Uso dos pés: sendo o basquete uma modalidade desportiva jogada com as mãos, é vedado o contato da bola com os pés, exceto quando os jogadores estejam fazendo alguma manobra (jogada de efeito) com a bola. No entanto, não será permitido o uso dos pés para interceptar as jogadas do adversário.

2.14. Reposição da bola em jogo

2.14.1. Sempre que a bola sair da quadra por uma das linhas laterais, o jogo terá reinício no local onde ocorreu o fato.

2.14.2. Quando a bola sair por uma das linhas de fundo, o reinício da partida ocorrerá embaixo da tabela do lado em que a bola saiu.

2.14.3. Após a marcação de uma cesta, a bola é recolocada em jogo a partir de um passe feito pelo jogador que esteja do lado fora da linha de fundo da equipe defensora.

2.14.4. Na maioria dos casos, a bola será repassada ao jogador pelas mãos do árbitro, exceto quando a equipe que esta repondo a bola em jogo tenha sofrido uma cesta, hipótese em que um de seus jogadores pega a bola e a coloca imediatamente em jogo.

2.15. Substituições

2.15.1. As substituições podem ser feitas a qualquer momento e os jogadores não precisam esperar a autorização do árbitro para entrar ou sair de quadra por ocasião da substituição.

A bola e o Cara

Jamais será permitido ao jogador sair dos limites da quadra com a bola, e não será permitido que o jogador avance para o ataque e volte, em seguida, para o seu campo de defesa. Quando isso ocorrer, o árbitro inverterá a posse de bola.

3. Das restrições quanto à movimentação ou retardo de jogo

3.1. O árbitro inverterá a posse de bola quando o jogador sair dos limites da quadra com a bola, ou, sempre que o jogador avançar para o ataque e, em seguida, voltar para o seu campo de defesa.

3.2. O jogador cometerá falta técnica sempre que o árbitro entender que ele está retardando deliberada e propositalmente o jogo.

4. Dos limites de tempo com a bola

Regra dos 5: cada jogador não poderá ultrapassar o tempo de cinco (5) segundos para recolocar a bola em jogo.

Regra dos 20: o tempo máximo entre a posse de bola e o arremesso será de 20 segundos, invertendo-se a bola por mais tempo, o árbitro inverterá a posse de bola em caso de retenção por mais tempo.

Tempo técnico: a qualquer momento da partida as equipes poderão pedir o tempo técnico, observando-se quanto a sua concessão a regra expressa no 2.8 deste Regulamento.

5. Das manobras

5.1. Todos os tipos de malabarismos e truques com a bola são permitidos aos jogadores, sejam eles feitos com os pés, com a cabeça ou mediante qualquer outra maneira que o atleta utilize para iludir o adversário, de modo a estimular a versatilidade e criatividade como elementos inseparáveis desta modalidade desportiva. O jogador poderá andar ou até mesmo correr com a bola, desde que seja exclusivamente para demonstrar habilidade, e não, para fazer a cesta. Esta permissão, contudo, não autoriza o jogador a dar sobre passo, nem bater a bola com ambas as mãos, simultaneamente, nem também efetuar dois dribles consecutivos (bater a bola, agarrá-la com as duas mãos e voltar a batê-la).

5.2. Em geral, o atleta não poderá saltar e voltar ao chão, com a posse de bola, sem executar o arremesso ou o passe, exceto se estiver manobrando.

6. Da altura dos aros

6.1. A cesta – nome dado ao aro que está fincado na tabela – é o objetivo central dos atletas deve ficar a 3,07 metros do chão, diferente e acima dos 3,05 do basquete de competição de quadra, o que é feito objetivando criar um grau maior de dificuldade para as enterradas, que elas valem 1 ponto a mais do que uma cesta normal, ou seja, no Basquete de Rua, uma enterrada vale 2 pontos.

7. Da pontuação

Serão computadas as seguintes pontuações para as equipes:

- 1 ponto - caneta;
- 1 ponto - lance livre;
- 1 ponto - arremesso a frente da linha de dois pontos;
- 1 ponto – apagão (quando o jogador de posse da bola cobre a cabeça do marcador adversário com sua camisa ou com a do próprio marcador);
- 2 pontos - enterrada;
- 2 pontos - arremesso, atrás da linha de dois pontos e a frente da linha de três pontos;
- 3 pontos - enterrada com ponte aérea;
- 4 pontos – arremesso atrás da linha de 3 pontos e a frente a linha de meia-quadra;
- 4 pontos - arremesso, atrás da linha de meia-quadra, ainda na sua quadra de defesa.

8. Do Lance Livre

8.1. Cada arremesso livre convertido vale um (1) ponto. Um arremesso de lance livre não dará direito a rebote, e, a equipe que estiver realizando os arremessos terá a posse de bola logo após os mesmos, sejam eles convertidos ou não.

* Caso o jogador receba falta no momento em que estiver saltando para a conclusão dos arremessos, ele terá direito a cobrança de lances livres equivalente à pontuação que estava almejando.

8.2 Lance Livre e “Canetinha”: Caso jogador efetue uma manobra entre as pernas do adversário e seja impedido de completá-la por ter sofrido uma falta, este terá direito a um lance livre e a posse de bola. Os lances livres só serão cobrados se o árbitro interpretar que a jogada seria concluída, e, caso contrário, será marcada somente a falta.

9. Das partidas terminadas com empate

As partidas não poderão terminar empatadas e, quando isso acontecer, será disputado um "coração de três": Tempo extra com três minutos de duração. É decretada vencedora a equipe que tiver maior pontuação durante o tempo extra ou que abrir três pontos de vantagem sobre a equipe adversária, mesmo antes do fim do tempo regulamentar.

10. Do sistema de marcação

10.1. Não é permitida a marcação por zona, só é permitida no sistema homem a homem, ou mulher a mulher. Ou seja, tanto nos jogos masculinos quanto nos jogos femininos da LIBBRA, as equipes são obrigadas a adotar marcação individual. Se uma das equipes utilizar a marcação por zona o árbitro chamará a atenção dos jogadores por meio de advertência verbal. Em caso de reincidência da infração será aplicada falta técnica contra a equipe que estiver marcando por zona.

10.2. Um atleta só pode ficar no máximo, cinco (5) segundos segurando a bola, quando estiver sob marcação individual.

* Tocos (interceptação): os tocos são jogadas em que um atacante sobe intencionalmente para a cesta e recebe do marcador um toco legal (sem falta), ficando o defensor com a posse de bola caso ele saia da quadra de jogo. Se, contudo, a bola não sair de jogo a partida seguirá sem interrupção.

11. Das faltas

11.1. As faltas são cobradas das laterais da quadra, e, as saídas de bola, do fundo da quadra. Mas, o início (ou reinício) de jogo sempre será dado a partir das mãos do árbitro.

11.2. Quando um jogador está executando uma manobra, ele poderá receber uma falta normal. Mas, se a falta cometida for grosseira (ou violenta), o adversário incorre em:

Falta pessoal: a regra convencional diz que: "É uma falta que envolve contacto com o adversário, e que consiste nos seguintes parâmetros: Obstrução, Carregar, Marcar pela retaguarda, Deter, Segurar, Uso ilegal das mãos, Empurrar". No Basquete de Rua, é permitido um contato maior entre as equipes. Somente quando o jogo se encontrar muito tenso, prestes a sair do controle em razão dessas permissões específicas, o árbitro interromperá a partida, reunirá as duas equipes e informará que passará a ser mais rigoroso na partida, quando então tais ocorrências antes toleradas serão tipificadas e doravante apenadas com falta.

Faltas individuais: todo atleta que ultrapassar o limite de quatro (4) faltas na mesma partida será obrigatoriamente substituído e não poderá voltar a atuar na partida.

Nos jogos de finais de torneio ou campeonato, onde são três tempos de 10(dez) minutos, o limite permitido é de cinco (5) faltas, sendo o jogador excluído ao cometer a sexta (6ª) falta.

* Quando a falta for cometida sobre um atleta que não esteja saltando para o arremesso, a penalidade será marcada e o jogo será reiniciado da lateral da quadra, sem cobrança de lance livre. Porém, se a equipe que cometeu a falta, já tiver cinco faltas coletivas, então, o atleta que recebeu a falta terá direito a arremessos livres. Caso a jogada seja interceptada após o jogador passar a bola entre as pernas de um adversário, o driblador vai para o arremesso de um ponto e permanece com a posse de bola.

Falta coletiva: sempre que uma equipe, ao longo de cada partida, ultrapassar a quinta (5ª) falta coletiva, ela será apenada com lances livres a favor do adversário. Em jogos de final de campeonatos, quando a duração da partida é maior, o limite sobe para seis (6) faltas coletivas.

Falta de educação: é a punição que o árbitro aplica a um jogador que comete anti-jogo, segurando um adversário para que este não converta uma cesta, por exemplo. E acontece sempre que um jogador se envolve em conflitos com a arbitragem e com a mesa, seja contestando marcações ou com gestos ofensivos aos participantes do evento, incluindo-se o MC da quadra e os torcedores. O jogador também deve ser punido se chutar as placas promocionais que estão na quadra e quaisquer equipamentos de trabalho alheio.

* O jogador deve sempre ter presente que no Basquete de Rua a "desmoralização", buscando a plástica do espetáculo e sem implicar na intenção de "humilhar" o adversário, é parte do jogo. Por isso, quando ele não permite que o adversário evolua a jogada de efeito e comete faltas desproporcionais – não confundir falta normal de jogo com falta de educação esportiva –, o árbitro deve puni-lo (e à sua equipe) com sua suspensão na partida por um (1) minuto, sem possibilidade de substituição, cumulada com a dedução de um (1) ponto de sua equipe.

Falta na enterrada: caso a arbitragem entenda que o jogador recebeu uma falta enquanto seguia para completar uma enterrada, terá direito a dois (2) arremessos, sendo que apenas um arremesso será concedido caso a enterrada seja concluída.

* São consideradas jogadas violentas: cotoveladas, empurrões grosseiros e agressivos; sobretudo, no momento das cestas. Não se deve confundir disputa viril de bola com agressão desmedida. Será ainda considerada falta anti-desportiva um revide a uma falta, sobretudo, quando o árbitro já a tenha marcado.

Faltas nas decisões dos campeonatos: nas partidas de finais de campeonatos, quando o tempo é maior, o número de faltas coletivas e individuais é acrescido de uma unidade, consoante fixado nas especificidades já indicadas.

Apenação em caso de briga: os atletas que promoverem brigas ou vias de fato (embates corporais), usarem drogas no evento ou entrarem em quadra alcoolizados, além de serem imediatamente expulsos de quadra, ficarão sujeitos ao julgamento pela organização do evento, que, com base nos fatos, filmagens e súmulas, se pronunciará a respeito da exclusão definitiva dos envolvidos da competição, podendo, ainda, optar por afastar o atleta de qualquer competição ligada à LIBBRA pelo prazo mínimo de cinco (5) anos.

Os agredidos, na hipótese de resolverem registrar queixa na delegacia, deverão solicitar à organização todos os dados dos agressores, pois, num espaço socialização como o do

Basquete de Rua, quaisquer tipos de agressões e comportamentos similares não poderão ser confundidos com desequilíbrio emocional, mas como atentado à cultura, à integração e à integridade das pessoas que participam, como jogadores, dirigentes ou torcedores.

12. Dos cartões de apenação

12.1. Os árbitros utilizarão cartões para identificar, tornar público e comunicar ao jogador o tipo de infração cometida.

Amarelo: Utilizado como advertência nos casos de falta técnica simples (quando o árbitro considerar a infração de natureza leve), não respeitar a distância regulamentar, infringir persistentemente as regras de jogo.

Azul: Utilizado para atletas que cometem falta de educação, que não aceitam as manobras dos adversários, apelando para grosserias, ou ainda, o cometimento de faltas brutas ou com uso excessivo de força. Será mostrado também o cartão Azul ao jogador que se dirigir a qualquer pessoa do evento, mesa ou árbitro de maneira desrespeitosa.

Apenação: Ficará no banco de reservas durante um (1) minuto, sem que sua equipe possa substituí-lo. Será debitado um ponto (1) da equipe e esta perderá a posse de bola.

Vermelho: Utilizado nos casos de expulsão do jogador por agressão, briga ou reincidência na falta de educação, de gesto obsceno, de cuspir no adversário, de praticar jogo brusco grave ou conduta violenta.

Apenação: O cartão vermelho implicará na retirada do jogador do espaço de convivência, e, por um (1) minuto e trinta (30) sua equipe permanecerá atuando com um jogador a menos, e, só após o seu transcurso poderá substituir o jogador expulso e recompor a equipe. A equipe do excluído será, cumulativamente, debitada em dois pontos (2) pontos no ato da apresentação do cartão vermelho ao jogador expulso que não poderá retornar à quadra enquanto durar a rodada em curso.

Diretrizes filosóficas na aplicação dos cartões: O Basquete de Rua tem compromisso com a saúde (física e mental), jamais com a violência e a falta de respeito. Por isso, a aplicação dos cartões punitivos busca excluir qualquer manifestação que atente contra os princípios fundamentais que inspiram o Basquete de Rua enquanto desporto-participação. Além disso, muitas das expressões utilizadas pelos jogadores desta modalidade não devem ser consideradas xingamentos ou desrespeito, mas, dialeto próprio desta cultura urbana e parte integrante do clima de descontração e de participação que deve ser priorizado.

13. Dos árbitros

13.1. A partida deve ser arbitrada por três árbitros de quadra como maiores autoridades no seu interior, impondo-se-lhes fazer cumprir e aplicar, de modo imparcial e rigorosamente, todas as regras constantes deste Regulamento.

13.2. Cada árbitro tem uma função principal e específica, sem prejuízo de outras, atribuindo-se a cada um deles a seguinte nomenclatura:

Árbitro Cosme: tem por finalidade principal assumir a responsabilidade das decisões mais polêmicas. É ele quem dita o ritmo da partida e até para o jogo, se necessário. Incumbe ao Árbitro Cosme chamar os jogadores mais exaltados, determinar a paralisação do som e avisar como o jogo, a partir daquele momento, vai desenvolver-se. Cabe-lhe, ainda, preencher o boletim do jogo onde são registrados os pontos convertidos pelas equipes, bem como as faltas pessoais, coletivas, técnicas e outras cometidas durante a partida.

Árbitro São: é o segundo árbitro cabendo-lhe não permitir a "cera" durante a partida. Ele cronometra o tempo de jogo e impõe acréscimos, se for preciso. Além disso, o Árbitro São é quem fica em contato permanente com o MC da quadra. Se este árbitro entender como necessário, pede para desacelerar o ritmo das músicas quando considerar que o som está interferindo numa partida, podendo, ainda, determinar que o som seja desligado para que os

árbitros façam reuniões com os atletas.

Árbitro Damião: este árbitro auxiliar, entre outras atribuições, é o responsável por controlar o tempo de posse de bola, que é de vinte (20) segundos.

14. Dos mesários

14.1. São responsáveis por informar aos árbitros de quadra que tudo está em ordem para o início da partida, sendo responsáveis pelo preenchimento da súmula e controlar o tempo de jogo, Além disso, cabe-lhes conceder o tempo pedido pelas equipes, autorizam as substituições e fiscalizá-las, marcam o tempo de jogo e avisam aos árbitros sobre qualquer atitude anti-desportiva (ou infração da regra ocorrida fora da quadra, desde que comunicadas à organização.

15. Dos uniformes

15.1. Em jogos oficiais, as equipes têm o direito de escolher os uniformes com os quais desejam disputar as partidas. Antes da partida as equipes submetem-se a uma verificação onde a organização certifica-se de que todos os jogadores de cada equipe estão rigorosamente iguais e se as diferenças entre as equipes são suficientes para não causar equívocos ou confusão nos árbitros e público.

15.2. É vedado ao atleta utilizar no uniforme qualquer objeto que seja perigoso para si ou para os demais atletas.

15.3 Caso haja discrepância de uniforme entre os integrantes da equipe será obrigatório o uso dos uniformes fornecidos pela organização. Sempre que uma equipe não possuir seu material desportivo caberá a organização realizadora da competição fornecê-lo.

Do sistema de classificação nas disputas da LIIBRA

As Equipes que participam da LIBBRA, competição nacional, são aqueles que sejam classificadas dentre as 4 melhores nas Seletivas Estaduais – que acontecem, simultaneamente, nos 27 Estados da Federação.

As 108 equipes participantes, além das 12 melhores do ano anterior, totalizando 120, serão divididas em 5 etapas classificatórias. Nas 5 primeiras etapas, 24 times serão subdivididos igualmente em 4 grupos, disputando a competição no sistema eliminatória simples (mata-mata). Na 6ª etapa, 20 equipes serão distribuídas em 4 grupos, resultando em um único grupo com 5 times. Neste caso, permanece o sistema eliminatório simples com um time de “baia”, conforme se verifica do sistema abaixo indicado:

Na Fase 1, que compreende 5 etapas classificatórias, as 4 melhores equipes passam para a Fase 2. Estas 20 equipes jogam entre si, onde as 4 melhores passam automaticamente para a Fase 4. As equipes que não estiverem incluídas dentre as 4 classificadas, disputam a Repescagem, que corresponde a Fase 3.

Na Fase 3, as 16 equipes oriundas da Fase 2, acrescidas de mais 5 equipes providas da Fase 1, enfrentam-se disputando mais 4 vagas para a Fase 4.

Na Fase 4, 8 equipes oriundas das Fases 2 e 3 enfrentam-se nas Quartas-de-final e Semi-final, definindo-se desta forma os finalistas.

Na Fase 5 acontecem os jogos decisivos com as disputas de colocação geral, do 1º lugar ao 16º lugar, na forma abaixo:

Elementos importantes para o Basquete de Rua:

MC's

Reconhecido personagem da cultura urbana, o MC(ou Mestre de Cerimônia) é a voz ouvida

durante os jogos, pois ele fica dentro de quadra narrando todas as ações. Algumas vezes brinca com algum atleta ou alguém da torcida com o objetivo de criar uma maior interação. Na quadra ele fica responsável por manter a animação da torcida, fortalece o equilíbrio dos jogos, reforça o repertório dos DJs, passa informativos do evento e as informações mais importantes, sinaliza a urgência médica em algum atendimento aos atletas, etc. A LIIBRA trabalha com três MCs oficiais. São eles: Max DMN, Cezinha e Tony Boss.

DJ's

A música dita o ritmo dos jogos e por isso o som em quadra é muito importante.

O Dj, também conhecido como disc jockey, seleciona e toca as músicas que rolam nos eventos de Basquete de Rua. Normalmente, o som que rola é o Rap. O DJ está sempre em sintonia com o MC de quadra, contribuindo para a animação do público. Muitos Dj's já passaram pela história da LIIBRA e outros fizeram história na LIIBRA.

Apresentamos aqui alguns dos DJ's que contribuíram para ajudar a entender e a conceituar melhor essa história que não pára de crescer.

Libbretes (antigas Cufetes)

As LIBRETES, anteriormente conhecidas como CUFETES, dão o tom da animação da torcida na medida certa. As LIIBRETES ajudam a preencher os intervalos, interagem com a torcida, puxam cantos de animação, além de coreografias coletivas e promovem distribuição de brindes para a arquibancada.

Graffiti

Os artistas visuais urbanos aproveitam os espaços públicos para interferir culturalmente na decoração da cidade. Suas obras costumam ter um caráter poético-político e compreendem desde simples rabiscos até grandes murais executados em espaços especialmente designados para tal. A arte do grafite está presente nos eventos de Basquete de Rua, com telas e painéis sendo executados ao entorno da quadra, enquanto acontecem as partidas.

Este elemento é mais um que compõe o leque de possibilidade desta cultura urbana, onde o Basquete de Rua está inserido.

Break

Dançarinos (as) também conhecidos como breaker boys (ou b-boy) e B-girls.

Desempenham o papel de simbolizar a situação de mutilação a que está submetido o povo pobre, seja pelas guerras, pelo desemprego, pelas drogas ou pelas desigualdades sociais. Realizando movimentos "de quebrar" (to break), esses (as) dançarinos (as) demonstram o desejo das comunidades em romper culturalmente com o sistema opressor e explorador, bem como o seu anseio por um mundo melhor. É na construção desse caminho que o Break se encontra com o Basquete de Rua, em uma dança histórica em direção a cultura urbana.

Skate

Por praticar um esporte radical nas ruas, calçadas, estacionamentos, quadras esportivas, entre outros lugares, ele é um grande representante da cultura de rua. O Skate tem cumprido um papel importante, não somente na formação e participação desses jovens nos eventos, como em uma competição paralela nas arenas da LIIBRA. O maior legado desenvolvido na relação entre o skate e o basquete tem sido a perspectiva de uma nova identidade para esses jovens que até pouco tempo eram alijados de toda e qualquer forma de emancipação.

Libbrinha

A partir de 2009, a CUFA passará a organizar um campeonato de basquete Sub-17, tanto para meninas quanto para meninos. Os jovens que participarão deverão ter idade entre 12 e 16 anos

até o início do torneio.

O tempo de jogo e as regras serão as mesmas desenvolvidas pela Liga Brasileira de Basquete de Rua (LIIBRA), exceto em relação à altura das tabelas, que será de dois metros e oitenta e sete centímetros.

Os jogadores só poderão participar com permissão (por escrito) dos pais, além de atestado de saúde e todos os documentos exigidos pela Central Única das Favelas.

Atletas com idade superior a 17 anos somente poderão disputar a LIBBRA, e não mais a Libbrinha.

Presidente de Honra da LIIBRA

Nega Gizza é uma Rapper fundadora da Central Única das Favelas, nasceu no Parque Esperança, Baixada Fluminense. Se tornou a Presidente da Liga Brasileira de Basquete de rua por estar presente na ponta de todas as ações desenvolvidas pela instituição.

Gizza é a primeira Rapper a montar seu próprio selo, incentivando nas bases de luta o empreendedorismo; é a primeira locutora de rap em rádio FM no Brasil, e entre suas atribuições estão recepcionar todo o público, manter o bom relacionamento entre basqueteiros, grafiteiros, Mc's, Dj's, B-boys e todos os outros que participam ativamente do evento.

Vice – Presidente de Honra da LIIBRA

Mv Bill já possui uma carreira de sucesso dentro do mercado Hip Hop, transita em vários seguimentos da sociedade e movimentos, entre eles , Social, o das favelas, movimento negro, de juventude. Recebeu vários prêmios por essas militâncias; entre os prêmios recebidos podemos destacar, Orilaxé (Juventude), UNESCO (Direitos Humanos,) ONU (Cidadão do Mundo, Barcelona), vem se firmando como autor de Best Sellers, produzindo filmes e documentários.

Mas sua real revolução é a atuação com os jovens da CUFA , entidade que ajudou a fundar e ocupa a função de Vice - Presidente de Honra da LIIBRA. MV Bill também viu no Basquete de Rua uma forma de converter muito mais do que cestas , mas a vida de muitos jovens com origem parecida com a sua na Cidade de Deus, seu bairro, sua comunidade , sua favela. Para coroar em grande estilo essa relação, MV Bill nos brinda com o Hino da Liga Brasileira de Basquete de Rua que hoje também faz parte da construção dessa filosofia urbana chamada Basquete de Rua do Brasil.

Dialeto das Ruas

Afrouxar: Dar moleza.

Água de salsicha: Jogo ruim.

Apagado: Jogador que não fez nada, foi muito marcado.

Apagão: A jogada em que o atleta cobre a cabeça do outro com a camisa.

Apagar: Marcar muito um jogador, não deixá-lo evoluir em quadra.

Aqui não!!!: Toco.

Bagunçar: Esculachar, humilhar o adversário.

Barulho: Aplausos da Torcida.

Bater a carteira: Roubar a bola do adversário.

Bate-bola: Jogador que só dribla e não marca pontos.

- Bebezão:** Jogador que reclama de tudo.
- Bicho:** Jogador que ignora a marcação, nas enterradas.
- Chapa quente:** Jogo muito disputado.
- Coca-Cola:** Jogador ruim, que só tem pressão.
- Coquinho:** Quando o jogador bate com a bola na cabeça do seu adversário.
- Cravada:** Enterrada.
- Dançar:** Ser envolvido pelas manobras do adversário.
- Entorta o Pé:** Deixar o adversário no chão com um drible.
- Espinha:** Quando o jogador esconde a bola nas costas do adversário.
- Espremedor de laranja:** Dar um toco e prensar a bola na tabela.
- Estilizo:** Jogador que tem swing no jogo, e as roupas caem bem nele.
- Freestyle:** Movimentos livres feitos pelos jogadores.
- Jogo de comadre:** Jogo sem marcação, no qual todos fazem cesta.
- Jogo de Futebol:** Partida com poucos pontos.
- Jump shot:** Arremesso.
- Ligação direta:** Quando o jogador passa a bola para outro que está muito distante dele.
- Mamão com açúcar:** Quando o adversário é muito fraco.
- Mano a mano:** Quando um jogador chama o outro pra "dançar", na intenção de desmoralizá-lo.
- Marrento:** Jogador com muita pose.
- Mascarado:** Jogador metido a bonzão.
- “Meu Deus”:** Expressões muito utilizadas pelo MC Max e que já é referência no Basquete de Rua.
- Mr. M:** Quando o atleta simula que passou a bola adiante e esconde-a entre as pernas.
- Na Cabeça:** Enterrada sobre marcação do adversário.
- Na Cara:** Cesta feita com marcação do adversário.
- Pancadão:** Perder ou vencer por uma diferença muito grande de pontos.
- Pedra:** Quando o DJ solta um som muito bom.
- Pega-pega:** fazer marcação homem a homem (ou mulher a mulher).
- Ponte aérea:** O jogador recebe um passe no alto quando está indo em direção a cesta e o completa com uma enterrada.
- Se Liga:** Quando o Jogador atira levemente a bola na testa do seu marcador.
- Sem braço:** Jogador muito ruim.
- Seu Boneco:** Quando o jogador esconde a bola na camisa.
- Sinistro:** Jogador muito bom.
- Socada:** Enterrada.
- Tomar um sprite:** Errar a cravada, prensando a bola no aro.
- Traz o Troco:** Quando o jogador finge que vai arremessar enganando o adversário fazendo-o pular.
- Trombadinha:** Jogador que rouba a bola do adversário.
- Varrer:** Dar um chega pra lá no adversário, expulsá-lo da sua área.

Esta é a primeira publicação de Basquete de Rua do Brasil

Desenvolvida por Celso Athayde (o Mesmo de “Falcão -Meninos do Tráfico” e “Falcão Mulheres e o Tráfico”) esta obra foi produzida no seio da CUFA- Central Única das Favelas com o objetivo de centralizar em um só espaço todas(até agora) regras e manhas do basquete urbano.

Fortalecer a prática do esporte através da cultura Hip Hop, é fomentar também a inclusão social, tirando da ociosidade, jovens das periferias de todo o país.

Celso Athayde viu nesta modalidade de esporte urbano a oportunidade e o desafio de alcançar

mais jovens moradores de periferias com a linguagem que eles entendem bem, e desta forma, criar ferramentas para tirá-los do campo de visão do risco social. Dando a eles mais perspectivas de vida.

A CUFA hoje é a maior organizadora da prática do basquete de rua no Brasil, agregando cada vez mais parcerias para aumentar o número de jovens atendidos em suas bases por todo o território nacional.

Agradecimentos:

Adriana Afonso, Alberto Kopittke, Alcino Rocha, Amaury Soares, Ana Zuffo, Anita Schuartz, Bianca Persici, Carolina Nascimento, Claudia Bonalume, Clécio Arruda, Cristina Oliveira, Daniela Neves, Ministro da SEPPIR Edson Santos, Eduardo Gringo, Eloi Ferreira, Eni Fabre, Fábio Nunes, Fernando Decnop, Graça Santos, Hércules Pelles, Ivison Sá, Jair da Mata Coutinho, João Luiz, João Ghizoni, Jorge Damião, José Land, Jô Neves, José Luiz Bartolo, Júlio Cezar Batista, Lúcia Irene di Barros, Luciana Sá, Luciana Martins, Luis Erlanger, Manuela Pinho, Marcos Capitani, Marina Maggesi, Marina Soares Athayde, Mario Amaral, Mônica Pantoja, Octavio Florisbal, Ministro do Esporte Orlando Silva, Pedro Prata, Rafael Dragaud, Rafael Donato, Rafael Vandystadt, Reinaldo Gomes, Rejane Penna Rodrigues, Ricardo Macieira (Secretário Municipal das Culturas do Rio de Janeiro), Rizzo, Roberto Schmidt, Walter Feldman (Secretário Municipal de Esporte e Lazer da Cidade de São Paulo), Ministro da Justiça Tarso Genro, Thadeus Kassabian, Valdir Orantes, Vinícius Wu, Zaqueu Teixeira, Zilma Ferreira e a todos os outros amigos do Ministério da Justiça, Ministério do Esporte, SEPPIR, Secretaria Municipal das Culturas do Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Esporte e Lazer de São Paulo, Oi, Oi Futuro e Rede Globo.

Agradecimentos aos que colaboraram com o conteúdo deste projeto:

Carlinhos - Equipe Cufa Basquete de Rua
 Celso Athayde Jr
 Diskreto - GO
 Ernando - CE
 Freitas - SP
 Galdino - RJ
 Marcão - Equipe Cufa Basquete de Rua
 Karina - MT
 Leandro Souza de Lima - Leandro
 Leonardo Moreira de Lima - Léo
 Linha Dura - MT
 Manoel - RS
 Marco Aurelio - Equipe Cufa Basquete de Rua
 Max - DF
 Pedro Ivo - Equipe Cufa Basquete de Rua
 Preto Dicko - MA
 Rogaciano Filho - RJ
 Thales Pereira Athayde
 Wanderson WG - Equipe Cufa Basquete de Rua

Presidente de Honra

Nega Gizza

Vice Presidente de Honra

MV Bill

Coordenação Geral

Celso Athayde

Coordenação Administrativa

Marilza P. Athayde

Consultoria Jurídica

Alvaro Melo Filho

Coordenação Técnica

Fernanda Borriello

Coordenação Esportiva

Rogaciano Filho

Produção Geral

Claudia Rafael

Produção

Gleice Ferreira, Lohana Monteiro, Vanessa Alves e Carol Brasil

Assessoria de Imprensa:

Fernanda Nascimento - RJ

Marcelo Gusmão - SP

Revisão:

Fernanda Borriello, Simone Basílio, Claudia Raphael, Ana Paula Sabbag,

Gleice Ferreira, Jane Carvalho, Elaine Martins, Vinícius Zampieri

Diagramação:

Galdino

Capa:

Leandro Fernandes

Projeto gráfico:

Galdino e Leandro Fernandes

Fotos:

Fabiana Cruz e Acervo da Cufa

Equipe de pesquisa:

Cufa Brasil

Fotolito e impressão:

Daijo Gráfica editora

Suporte-Informática:

Thiago S. Pereira

Consultoria de Marketing:

ONSPORTS – Oscar Neves

Realização:

CUFA - Central Única das Favelas

ANEXO D - Hino da LIBBRA

HINO DA LIBBRA

MV BILL

(eu vou) vestir meu uniforme
 O jogador não dorme campeão da rua
 (eu vou) invadir a sua quadra
 Desafiar seu time a escolha é sua
 (errou)
 Se não tiver coragem é só assistir
 O time de gigantes invadir

Vê se não enrola
 Olha pra frente e passa a bola
 Jogada de rua que não se aprende na escola
 (fora)
 Driblando na seqüela da favela
 Mexo no placar com o auxílio da tabela
 Dois pontos mais na casa do adversário
 Muito barulho que põe fogo no cenário
 Liga brasileira de basquete (de rua)
 Hip hop com o esporte que diverte (e tumultua)
 Comanda o jogo com atitude de negão
 Voa alto faz a cesta com os pés fora do chão
 Dando uma enterrada na cara do pivô
 Que joga por dinheiro enquanto a gente joga por amor
 Quem for jogador não espera sua vez
 Arma a jogada e mete uma cesta de três
 Se liga
 Se não tiver na liga observa
 Torcendo por alguém ou no banco de reserva

(chegou)
 O bonde do basquete
 Que mistura com o rap e mexe com a torcida
 (chegou)
 O bonde do basquete
 Que mistura com o rap e vai mudando o clima
 (chegou)
 O bonde do basquete
 Que mistura com o rap e mexe com a torcida
 (chegou)
 O bonde do basquete
 Que mistura com o rap e vai mudando o clima

Né não né não desse jeito não
 Não dá pra desistir e não subir no garrafão
 Bate a bola no chão

Deixa o rival do lado do avesso
 Mostrando competência na hora do arremesso
 E se der aro
 Subo no rebote mas não paro
 Basqueteiro que é ligeiro sente o jogo pelo faro
 Hoje não é raro ver uma quadra de basquete
 (não)
 Com rap, grafite e a bola na mão do moleque

É a liga brasileira de basquete (de rua)
 Hip hop com o esporte que diverte (e tumultua)
 Jogada certa pra seguir da opção
 Que muda o destino com uma bola na mão
 Se sinta um campeão
 Na hora da batalha
 O time que chegar irá brigar pela medalha
 Que ajuda a curar da dor interna
 Bate a bola por debaixo da perna
 Pensando sempre no ataque como se fosse um combate
 No jogo de contato
 Só quem for louco
 Sobe sem respeito na tabela e leva toco
 Se acha pouco
 A partida continua
 Guerreiros e guerreiras do basquete de rua
 Levanta a mão pro alto
 Bate a bola no asfalto
 Na seqüência toma a quadra de assalto
 Ganha no rebote quem tiver o melhor salto
 A gente faz barulho quando o time é lá de fora
 Nas ruas do Brasil o streetball que sempre rola
 A jogada é limpa quem tá sujo se embola
 Não enrola
 Passa a bola

Libbra
 Só chegar à Libbra
 Se liga

E aí DJ, cabo?
 Não...
 Já é já é irmão
 Bateu papo
 Nós tá junto e misturado rapá

(chegou)
 O bonde do basquete
 Que mistura com o rap e mexe com a torcida
 (chegou)
 O bonde do basquete

Que mistura com o rap e vai mudando o clima
(chegou)
O bonde do basquete
Que mistura com o rap e mexe com a torcida
(chegou)
O bonde do basquete
Que mistura com o rap e vai mudando o clima
(chegou)

ANEXO E - AND1 MASTER

AND1 MASTER

MAG

Pra quem joga basquete pra todos os manos e fãs Street Ball tá na alma no pé modelo And1 sei que é tabela de acrílico aqui só tem de cimento o jogo ainda nem começou e você já quer pedir tempo joga no taco é fácil eu quero vê na minha quadra seu toco passa no vácuo e ainda toma enterrada arquibancada lotada meu drible é estilo de gringo no 21 Michael Jordan fica até tonto comigo pode tenta pega na bola mas não apela com falta enterro na sua cabeça e ó que a cesta ta alta sua marcação é um vão pulo 3 metros do chão se você não tem impulsão não vem da tapa na mão bate a foto vê no flash meu 360 no placa você perdeu por 18 a 40. Quem no banco de reserva que tem disposição melhor perder por WO do que por humilhação. No DVD da MixTape Tour dispensa legenda estilo trotters, hot sauce só pra quem conhece a lenda como num passe de mágica viro a camisa no avesso, eu quebro a sua coluna driblando no arremesso. Um contra um você quer assim então por que assim que assim seja. Você que escolhe quer dois quer de três ou de bandeja. Minha regra eu que fiz então reclama com o juiz meu basquete é de rua NBA é pra aprendiz. Presta atenção e relaxa sente a ginga no pé de Michael Jackson né meu corpo dança balé o meu basquete é da paz mais ninguém foge de briga meu time é AND1 e agora ela é minha liga. Você joga em clube tem dois metros gigante metido a besta a sua é que nem pula e já alcança na cesta décima sexta sétima e não acerta nenhuma você num falo que jogava sente o basquete de rua. Mas se eu entra nessa quadra você não passa do zero, não quer deixar eu jogar né ta tranqüilo eu espero o meu estilo é raro e não quase nenhum que na camisa seva a letra A e o número 1. Hey Jordan hey shaq nois roubamos seus fãs NBA é comédia meu time é AND1. Hey Jordan, hey Shaq nois roubamos seus fãs NBA é comédia meu time é AND1. Streetball não é basquete então sente a ginga no pé de Michael Jakson né meu corpo dança balé. Hey Jordan hey Shaq nos roubamos NBA é comédia basquete é AND1. Streetball não é basquete então sente a ginga no pé de Michael Jackson né meu corpo dança balé. Hey Jordan hey Shaq nos roubamos NBA é comédia basquete é AND1. Bota a camisa bermuda bota

bandana ou boné trança na gold Black coloca o tênis no pé. Quero sair na TV manda chamar o repórter meu time é AND1 melhor do que globetrotters. Trás os Lakers põe na quadra e declara falência se meu pivô corta luz eu já assumi na assistência. Diz que enterra só porque tem 2,6 Bota a camisa Jordan como número 23. Joga em taco sintético com tabela de vidro aro com mola espiral bola de couro tingido. Põe uniforme roda a bola co o dedo do meio se leva toco pede falta e diz que o jogo tá feio. É federado mais não tira a bola da minha mão toma caneta de costas lá dentro garraão. Só joga contra AND1 no play o no Xbox confundi Chicago Bulls com o Chigago high socks. Vince Carter, Michael Jordan e Shaquile O'neal. Tomar a bola de um streetball é um desafio tipo biboy do basquete é só pra quem nasce com o dom você não conhece o quê tem AND1.com. Abra cadabra com a bola por dentro da minha camisa um setecentos e vinte com uma cravada precisa, a bola anda no braço levanto ela com o pé jogo basquete de rua mais faço estilo Pelé. Meu tênis sempre da limpo meu corpo sempre no shape pra sair na revista na capa da Mix Tape. Põe no replay da pausa tenta imita o meus taibe e rola hip hop eu mando uns passos de breaker . Par ou impar seu eu perder eu tiro um ano de férias pra deixar você treinar tentar uma ponte aérea. Dou de exemplo pra vocês um Branco The Professor pra provar que na AND1 não rola papo de cor. Troquei a perna no crossover no rikení ela volta amarra a rede bem forte se não eu enterro e ela. Eu quero escolta porque vou ter que dar muito autografo, eu faço pose de mal pra lente do seu fotografo. Hey Shaq nos roubamos NBA é comédia meu time é AND1. . Hey Shaq nos roubamos NBA é comédia meu time é AND1. Streetball não é basquete então sente a ginga no pé de Michael Jackson né meu corpo dança balé. Hey Jordan hey Shaq nos roubamos NBA é comédia basquete é AND1.

ANEXO F - Registro do Diário de Campo

REGISTRO DO DIÁRIO DE CAMPO

Etnografia (03/04)

Jardim América

Diversas discussões aconteceram por conta das regras. Quando questionei o motivo das discussões recebi as seguintes respostas:

- “Essa discussão é reflexo da regra, tem os ditadores né, ai um num quer mudar a regra”
- “Eles mudam a regra o tempo todo, ai da confusão”

- Cada local possui uma regra e as regras são estabelecidas pelos jogadores que moram no bairro, se você for jogar em outro bairro, precisa se adequar a regra.

- As discussões foram em cima das marcações de tempo e placar, gerando muita confusão e bate boca entre os jogadores.

- Nesse bairro não é permitido ir com time formado, é necessário fazer rodízio entre os jogadores e ha uma tabela sendo atualizada na arquibancada toda vez que chega um novo participante, promovendo o rodízio de times e jogadores.

- Após uma discussão um dos jogadores sai e fala: “Os caras aqui não sabem jogar basquete não, não conseguem, vou voltar pro aterro”

• Numa conversa informal que tive com alguns jogadores fui questionando algumas coisas sobre o esporte praticado no Rio de Janeiro e algumas respostas que obtive:

○ Perguntei por que eles jogavam na quadra do colégio e me responderam: “ah aqui só tem uma praça e não é bem conservada e tem que dividir com todo mundo, ai aqui a gente consegue uma parceria, os meninos daqui conversaram com os diretores e aqui também tem banheiro, tem água a quadra é boa”

○ Perguntei se não jogavam o streetball no Rio, pois só estava vendo basquete convencional, resposta: “ah, quase nenhum local pode jogar street não, só convencional mesmo, o único lugar que num é proibido jogar é em Madureira, nos outros locais não pode não”

○ Perguntei sobre os outros locais que tinham a pratica e os horários, resposta: “Vila Valqueire também tem basquete, todo domingo, mas ai é de manhã né? É a pelada dos “coroas”, tem que terminar cedo, por que eles tem que fazer feira, mercado, essas coisas pra mulher, é muito engraçado”

○ Perguntei a outro jogador de os jogos e ele me respondeu:

“ah a pelada aqui é fraquinha”

Perguntei sobre os jogadores de basquete convencional e um jogador me respondeu:

“ah jogadores de basquete de quadra dificilmente querem jogar com os peladeiros”

Apesar das confusões as regras impostas na maioria eram obedecidas, não há controle de faltas ou marcação de pontos por um arbitro, toda vez que acontecia uma falta os próprios jogadores tinham que pedir a falta e os outros obedeciam sem grandes reclamações.

Etnografia 05/04 Viaduto de Madureira

No domingo, não houve basquete em Vila Valqueire, como a quadra se localiza em uma praça, a chuva impossibilitou a pratica do basquete naquele dia.

- Como não houve, fui à Madureira na noite de terça, esperando poder acompanhar os jogadores durante a pratica, mas quando cheguei, tive uma surpresa. Devido à gravação de um programa de RAP, não poderia haver basquete por muito tempo, pois a quadra estava sendo usada como estacionamento.
- Durante o tempo que estive lá, observei os jogadores jogando em meia quadra dividindo o espaço com os carros parados.
- Esperei a responsável pelo local terminar com o jogo e fui em busca de um jogador pra me tirar algumas duvidas que haviam me inquietado no sábado.
- Logo perguntei a um dos jogadores o porque de só em Madureira haver a liberação do basquete de rua em si, perguntei se havia algum tipo de preconceito também e ele me respondeu:
 - “não, não tem preconceito é por causa da quadra, aqui tem as marcações, geralmente a gente joga em praça ou colégio, ai não tem marcação e também por causa dos jogadores, aqui vem jogador de street, daí depende também de quem ta pra jogar né? Se for só cara de convencional ai é quadra mesmo, mas num é preconceito não, cada quadra tem uma regra”
- Como o tempo foi curto, os jogadores foram logo embora, sendo marcado encontro pra sábado em Jardim América.

Etnografia 07/04/2011

Viaduto de Madureira

Perguntei se as regras de basquete de rua eram permitidas em Madureira. Se podiam fazer as jogadas lá.

Um dos jogadores me respondeu:

“a gente joga assim aqui, mas sem bola na cara, pode machucas e isso é coisa de gay (risos), palhaçada”

Descobri que os jogadores compram os acessórios do basquete em sites americanos.

Eles entram em contato com um brasileiro e este faz os pedidos dos jogadores. Compram camisas, tênis, bermudas.

Neste dia jogaram 4x4 quadra inteira.

Não possuem tempo e o jogo é de 12 pontos.

Neste dia apareceram 15 jogadores

E notei também que apenas 2 jogadas genuínas do basquete de rua foram feitas durante todo o jogo.

Etnografia 03/05/2011

Viaduto de Madureira

Conversando normalmente, eu e alguns jogadores questionamos sobre os campeonatos de basquete de rua que acontecem durante o ano.

Um dos jogadores fez crítica a ONG que organiza o campeonato de BR no Rio de Janeiro.

“claro que vai ter campeonato, eles não vão perder a mamata deles”

“ninguém sabe de nada, eles avisam tudo um dia antes”

Logo depois os jogadores divergem sobre uma ligação feita por uma pessoa que se diz ligada a ONG que organiza os campeonatos. De acordo com um jogador ela perguntou se eles se inscreveriam no campeonato regional e o mesmo disse que sim, mas ao chegar ao viaduto nenhum deles disse conhecer a funcionária e ficaram confusos sobre o assunto.

Eu pergunto sobre os campeonatos que acontecem durante o ano e cito um destes. E um dos jogadores me diz:

“esse é bem organizado, é direitinho”

Alguns jogadores não apresentam interesse em participar do campeonato nacional

Mas não perguntei o porquê.

Sobre os jogos:

- inicialmente começam a jogar com 3x3 meia quadra.
- até 20h32min apenas 9 jogadores estavam presente.
- no até o final da pelada aparecem 12 jogadores
- a técnica que apresentam é razoável eles jogam com liberdade, mas se algum jogador desrespeita a regra eles reclamam bastante.

No início cerca de 6 jogadores treinavam lance livre na quadra, se organizaram em filas esperando melhorar a técnica de lances livres.

Mas durante os jogos não há cobrança de lance livres, quando um jogador chama a falta, a mesma é cobrada na lateral ou fundo quadra, independente de estarem jogando basquete, vale a regra da rua.

- depois que apareceram 12 jogadores o jogo volta a ter 4x4 quadra inteira até o fim.
- até o fim dos jogos apenas uma jogada de BR foi feita e cinco enterradas foram dadas. Porém três tentativas foram erradas.
- quando cheguei os jogadores estavam marcando de sair no fim de semana.

Etnografia (05/05)

Viaduto de Madureira

Madureira parece ser o encontro das tribos, ali, embaixo do viaduto se encontram durante a semana jovens de diversos de bairros.

Zona norte, zona sul, zona oeste e baixada parecem se juntar apenas por um único motivo: o basquete.

O bairro parece ser o divisor de águas, onde o tradicional interage com o ideológico, o libertário.

Jogadores que disputam partidas em seus bairros, com seus amigos em comum, parecem esquecer o bairrismo e interagem com outros jogadores de bairros diferentes.

Se organizam, “tiram” o time e jogam tendo apenas um medidor, o basquete.

Praticar o basquete durante a semana em Madureira é o objetivo, as conversas que se sucedem durante os jogos é apenas uma consequência.

O tempo é inexistente nos jogos, parar pra conversar é proibido, gera discussão, não faz parte da regra.

Jogadores do basquete tradicional (quadra) se misturam aos jogadores da rua.

Não há diferença? Quem se importa? É tudo basquete.

A liberdade gestual lembra aos jogadores americanos, ao basquete de rua americano. Quando a bola entra em jogo, não. Ai a gente joga o basquete. Os gestos libertários parecem se limitar, talvez visando a competição.

Liberdade nem sempre leva a vitória, contrariar as regras tem consequências, pode levar a derrota.

E mesmo num jogo descontraído, eles não aceitam perder.

As conversas paralelas

Do lado de fora da quadra desenrolam-se as conversas entre os jogadores.

Entre uma espera e outra na sua vez de jogar, os meninos começam e terminam assuntos diferentes.

Neste dia o assunto a perdurar durante o encontro foi a NBA.

O campeonato americano se encontra na sua reta final e desperta nos jogadores os comentários sobre. Só se falam em jogadores, jogos, jogadas. Quem é o melhor, quem jogou mal, quem não rendeu quem se revelou. E entre uma conversa em outra caem na nostalgia. Relembra momentos em que viam jogos pela televisão aberta, relembra de jogadores antológicos do basquete americano. De jogos marcantes e campeonatos sensacionais.

Relembra de quando eram jovens e conseguiam imitar algumas jogadas.

Comentário meu: O basquete nacional também está na sua reta final, também se encontra nas semifinais, e também possui jogadores de seleção em seus times, mas o mesmo é ignorado pelos jogadores. Os jogadores comentam que assistem aos jogos pela TV a cabo, mas o basquete nacional também passa na TV a cabo. Então, o que leva à total esquecimento do assunto pelos jogadores?

Outro assunto que tomou conta das laterais foi a falta de quadra voltada para o basquete na cidade, alguns jogadores reclamaram de serem feitas quadras com marcações de futebol, mas não de basquete. Quadras sendo feitas para a terceira idade jogar bocha, mas não terem uma para basquete.

Reclamaram muito da opção do governo dividir algumas quadras de futebol com basquete. Os jogadores reclamaram que os futebolistas destroem os aros do basquete impossibilitando-os de jogar. E preferiam ter a quadra dividida com os jogadores de vôlei, pois acham estes mais “civilizados” que os jogadores de futebol.

“Pô, lá em Vaz Lobo fizeram uma quadra bocha, mas não fizeram pro basquete.”

“Não sei por que põe basquete com futsal, tem que ser basquete com vôlei, esses caras do futsal estraga tudo.”

- Outra discussão recorrente durante os jogos é em relação às regras. Os jogadores reclamam muito das faltas “pedidas”, gerando irritação extrema em algumas partidas. (regras?)

- Neste dia os jogadores tiveram que expressar um pouco mais de vontade para jogarem basquetebol.

A quadra tinha uma poça bem embaixo do garrafão impedindo o jogo em quadra inteira. Alguns jogadores se revezaram para tentar secar a quadra e começarem os jogos. O restante dos jogadores iniciaram uma disputa meia quadra 3 x 3 (de fato basquete de rua) Um outro grupo aguardava do lado de fora sem trocar de roupa, a secagem da quadra. Pareciam se recusar a jogar meia quadra no basquete. Após incansável esforço do grupo que secava a quadra finalmente deu o retorno e puderam enfim começar o seu jogo de basquete de rua, em quadra inteira (irônico).

Etnografia 19/05

Viaduto de Madureira

Neste dia apareceram 19 jogadores em Madureira e devido ao numero grande de participantes os times tiveram que ser tirado em lance livre. O espaço de Madureira hoje estava lotado. Aulas de skate, basquete de rua e DJ estavam sendo ministradas pelos professores para os menores de 18 anos. Todos com seu espaço definido, porém ao lado um do outro. Neste dia pude notar que os jogadores se vestem no estilo dos jogadores americanos, com acessórios utilizados por eles na NBA. Nas conversas que rolam os jogadores conversam sobre dinheiro e dizem que vão montar um time na NBA e nesse time eles vão incluir tanto os jogadores da liga americana quanto os próprios que jogam basquete de rua no Rio de Janeiro.

ANEXO G - Falas Coletadas Durante a Etnografia**FALAS COLETADAS DURANTE A ETNOGRAFIA**

“Basquete de rua é...Você “zoa” a pessoa. Mas, num quer dizer que vai. Você brinca com a pessoa jogando. Fazendo palhaçada. Batendo a bola na cabeça dela, é mais engraçado. É mais divertido. Que basquete de quadra, basquete de quadra também tem, mas só enterradas. Mas basquete de rua não, você manda crossover, volta com a bola, o cara vai lá embaixo. Taca a bola na testa dele, é mais engraçado. Mas palhaçada e fora as enterradas também que valem, batendo a bola na tabela, é melhor.”

“De 2004 pra cá, acho que os dois primeiros anos de 2004 pra cá teve tipo assim uma febre, uma explosão muito grande, no basquete de rua. Hoje 2011 2010 pra 2011, 2009 pode botar pra cá, tipo assim o basquete de rua não é mais novidade. Por mais que seja um esporte que aqui ainda no Brasil, seja um esporte que ta em expansão. Em crescimento, não é mais uma novidade”

“As poucas quadras que existem hoje a gente costuma cuidar. A gente varre, a gente limpa, a gente da aquela valorizada na quadra pra poder manter. Então essas quadras aí que todo fim de semana rola é as que a gente cuida pra poder manter. Por que se não cuidar também não tem quadra pra poder jogar.”

“As quadras nunca param é sempre essa competição entre basquete futebol, basquete futebol. O futebol acaba arrebatando as quadras que tem de basquete. E basquete não é igual futebol em que você joga com dois chinelos né? As quadras aqui precisam de um aro, de uma tabela e quando quebra é um ano pra colocar uma de novo. E quando colocam é um material de uma qualidade muito baixa. Acaba estragando rápido de novo.”

“Acho que de uns cinco anos pra cá de uma levantada considerável, mas desses cinco anos pra cá deu uma estagnada. Tipo, chegou no auge e está mantendo, acho que a evolução poderia continuar e isso não aconteceu, deu uma esfriada.”

“Só é basquete de rua porque não é praticado em um ginásio”

“Na minha comunidade não pode andar nem conduzir a bola, o que vale é o convencional”

“Quem gosta de hip hop acaba gostando também do basquete de rua”